

*Governador
Juraci
Magalhães
assinando
ato de
Emancipação
Política do
Município de
Pindaí*

Pindaí tem sua história inicial muito vinculada ao município de Urandi e a Vila Bela das Umburanas. Por essa razão, faz-se necessário iniciar este trabalho com informações sobre "Duas Barras" que era o nome inicial de Urandi e Vila Bela das Umburanas, atual Guirapá.

HISTÓRICO DE PINDAÍ

A primeira sede municipal de Duas Barras foi o Arraial de Umburanas, antiga aldeia de índios, cuja capela foi elevada à categoria de freguesia pela Lei Provincial número 1800 de 06 de julho de 1877, com o nome de São Sebastião do Amparo das Umburanas. Por força da Lei Provincial número 2661, de 08 de julho de 1889, foi o Arraial elevado a Vila e criado o município de Umburanas, com território desmembrado de Vila Príncipe, atual Caetité, dando a sua sede a denominação de Vila Bela das Umburanas. No entanto, o ano de 1889 representou uma fase de transição em nossa história, porque em virtude da Revolução Republicana, caiu a Monarquia e instituiu-se a República no Brasil. Isso concorreu para que a Lei Provincial número 2661 não fosse aplicada, o que motivou o Ato Estadual de 08 de julho de 1890, assinado pelo então governador, Marechal Ernesto da Fonseca, que criou novamente o município com a mesma denominação de Vila Bela das Umburanas, formado pelos territórios das freguesias de São Sebastião das Umburanas, Nossa Senhora do Rosário do Gentio e Santo Antônio de Duas Barras. O município foi posto a funcionar em 1º de outubro de 1890. No ano de 1911 houve nova divisão administrativa no Brasil e o município de Vila Bela das Umburanas passa a denominar-se Umburanas, subdividindo-se em cinco distritos: O da Sede e os de Furados, Gentio, Duas Barras e Brejinho das Ametistas. Com a Lei Estadual número 1276, de 10 de agosto de 1918, a sede do município foi transferida para a povoação de Duas Barras, elevada à vila com o nome de Urandi. Este, na divisão administrativa do Brasil, relativa a 1933, apresenta-se constituído pelo Distrito Sede e pelos Distritos de Furados, Umbura-

nas e São João da Gameleira, que foi criado pela Lei Municipal número 02 de 11 de abril de 1919, aprovada pela Lei Estadual número 1325, de 10 de julho de 1919 e anexado ao município de Urandi. Com as divisões administrativas territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937 e Decreto Lei Estadual número 10.724 de 30 de março de 1938, integram o município em apreço, quatro distritos: Urandi, Piedade, São João da Gameleira e Umburanas, verificando-se o mesmo no quadro territorial em vigência no quadriênio 1939-1943, estabelecido pelo Decreto Estadual número 11.089 de 30 de novembro de 1938. O distrito de São João da Gameleira, no quadro de 1939-1943, aparece como simplesmente Gameleira.

No quadro territorial vigente em 1944-1948, fixado pelo Decreto Lei Estadual número 141 de 31 de dezembro de 1943 e retificado pelo Decreto Estadual número 12.978 de 1º de junho de 1944, o município de Urandi mantém-se com formação distrital idêntica à anterior, observando-se algumas modificações nos topônimos distritais. Assim é que Urandi aparece com o distrito de seu nome (sede) e com os de Guirapá (ex Umburanas), Pindaí (ex Gameleira) e Tauape (ex Piedade), constituição esta que permaneceu no quadro territorial para o quinquênio 1954-1958 fixado pela Lei Estadual número 628 de 30 de dezembro de 1953.

O nome Pindaí é de origem indígena e foi colocado pela professora Eponina Zita, de Caetitê, que na época trabalhava em Urandi. Atendendo a uma solicitação do prefeito municipal de Urandi, para que fosse obedecida a Lei Estadual 12.978 de 1º de junho de 1944, que determinava que as localidades que tivessem nomes idênticos deveriam sofrer modificações em suas denominações. Procurou levantar algumas características locais e, sabendo da existência do Rio de Contendas, consultou um dicionário de nomes indígenas e deu ao distrito de Gameleira o nome de **PINDAÍ**, que significa Rio da Pesca ou Rio do Anzol (Pindá = Rio, I = Pesca, Anzol). Esse nome permaneceu até o ano de 1965, quando foi apresentado e aprovado pela Câmara de Vereadores Projeto de Lei mudando o nome Pindaí para **Ouro Branco**, numa homenagem a sua grande produção de algodão, que era na ocasião a cultura de maior destaque. No entanto, esse nome não se oficializou, por coinci-

dir com a designação de um distrito de Jacobina, no Estado da Bahia.

Pindaí desmembrou-se de Urandi através de Lei Estadual número 1617 de 13 de fevereiro de 1962, publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia do dia 20 de fevereiro de 1962. No mesmo ano, foram realizadas eleições para escolha de prefeito e vereadores, elegendo-se Jerônimo Borges de Carvalho, patrono da emancipação, como primeiro prefeito, tomando posse no dia 7 de abril de 1963, juntamente com os vereadores eleitos, ocorrendo nessa data, a instalação do município de Pindaí.

A solenidade de instalação do novo município ocorreu numa sala da casa onde funcionou por muito tempo o Hospital e Maternidade Pindaí, na Rua Tibério Fausto, escolhida também para sediar a Prefeitura Municipal de Pindaí, tendo como primeiros funcionários Francisco Nogueira Sobrinho, que fazia serviços de atendimento ao público e era responsável pelo controle de impostos e alvarás, Maria do Carmo Santos Caires (Fiinha), como tesoureira e Domingos Antônio Teixeira - Teixeirainha, experiente funcionário vindo de Guanambi que atuava como secretário.

Posteriormente, ainda no mandato de Jerônimo Borges, a sede da Prefeitura Municipal passou a funcionar na antiga casa que deu lugar a construção da casa paroquial.

Pindaí está localizado na zona fisiográfica da Serra Geral da Bahia e, atualmente, na região do Centro-Sul baiano na microrregião de Guanambi, sendo distante da capital do estado 843 Km. Seu território é totalmente abrangido pelo polígono das secas, com predominância de clima semiárido. O período das chuvas mais frequentes no município é do mês de outubro a janeiro e os meses mais quentes são agosto, setembro e outubro, até a vinda das chuvas. O mês mais frio é o de junho, com a chegada do inverno.

A altitude da sede municipal é de 610 metros, Latitude: 14º29'0" Lat. Sul e Longitude: 42º41'0" W.Gr. e sua área inicial era de 665 Km², porém, devido a problemas decorrentes de limites com outros municípios, conta atualmente com 614 Km², fato que está sendo revisto para que sejam retomados os territórios perdidos. O município é servido por poucos rios, destacando-se dentre estes, três permanentes: Contendas, São Domingos e Pires e dois provisórios: Mata Veado e Mato Grosso.

Temos como limites: Norte: Guanambi e Caetité, Sul: Urandi, Leste: Caetité, Licínio de Almeida e Urandi, Oeste: Candiba e Guanambi.

A população registrada no município no ano de 2007 foi de: 15.306 habitantes sendo 3.946 na zona urbana e 11.360 na zona rural. Porém, o censo do ano de 2010, registra 15.629 habitantes, com 4319 na zona urbana e 11.310 na zona rural, sendo 8014 homens e 7615 mulheres. De acordo com o censo eleitoral de 2006, temos 11.690 eleitores.

O censo industrial registrou uma usina de beneficiamento de algodão, a Soalba, atualmente desativada. Vale ressaltar, porém, que no ano de 1989, Lourivaldo da Cruz Teixeira, iniciou o projeto de implantação da Fazenda Carinho, a partir da aquisição de um terreno nas proximidades do povoado de Sanharó. Seu objetivo inicial era montar uma granja, mas a alimentação para as aves ficava muito caro e isso inviabilizou o empreendimento e seu foco foi mudado para a indústria de leite, iniciando a criação de gado leiteiro, bem como a absorção da produção do leite regional, colocando em funcionamento a fabricação de iogurtes, leite pasteurizado e queijo, vendidos no comércio local, em Guanambi, Caetité, Barreiras e até mesmo São Paulo, garantindo a geração de quarenta empregos diretos.

No que diz respeito à agricultura, a lavoura predominante é do tipo temporária, destacando-se o algodão herbáceo, sendo as demais, quase sempre de subsistência, a chamada agricultura familiar, como o milho, feijão, arroz e mamona. Sobressaem ainda as plantações de mandioca para o fabrico de farinha, a do fumo e a banana.

Vale ressaltar que no momento existe a preocupação em explorar melhor alguns produtos agrícolas, como por exemplo, a mamona que é uma matéria prima importante na produção de biodiesel. Para desenvolver esse potencial, experiências estão sendo feitas pela Secretaria Municipal de Agricultura em parceria com a COOTEBA – Cooperativa de Trabalho do Estado da Bahia e com a PETROBRÁS, que entra com a semente e garante a compra da produção, a Cooteba fornece a assistência técnica necessária e o município faz a preparação do solo. Nessa experiência, valorizando a agricultura familiar, 96 famílias foram envolvidas inicialmente e foram plantados 175 hectares de mamona.

A importância econômica do alho no Distrito de Guirapá concorreu para que os produtores se reunissem numa associação, tendo como objetivo melhorar a semente utilizada e, unidos pela força da união, buscar junto aos órgãos competentes, apoio através da oferta de assistência técnica especializada, máquinas e implementos para o cultivo desse produto. Surgiu a APAG – Associação de Produtores de Alho de Guirapá no ano de 2002, tendo atualmente como presidente Charles Plínio Nogueira.

A movimentação dessa associação, contudo, começou a ter um impulso maior a partir de 2008, quando passou a contar com o apoio da Bahia Mineração, que patrocinou e proporcionou ações importantes para seu funcionamento, como cursos de Capacitação de Produtores, de Cooperativismo e Associativismo e Fortalecimento do Grupo, proporcionou a ida de produtores de alho para a Chapada Diamantina, para conhecer a experiência de plantio desse produto naquela região, fez a doação de uma tonelada e meia de sementes de Alho Cateto Roxo, livre de vírus e desenvolvido pela EMBRAPA em Brasília, elaboração de projeto para aquisição de um trator e câmara fria para ser adquirido através do governo do Estado da Bahia. Essa câmara é um equipamento muito importante para produzir nova variedade de alho, com a assistência técnica da EBD, através do técnico agrícola Humberto Carvalho Moraes, considerado o melhor nessa área no Brasil, que vem ao local uma vez por mês e por Sidinei Carvalho Moraes, também técnico agrícola, que vem uma vez por semana.

No trabalho com a câmara fria, a semente passa por um sistema de resfriamento de 45 a 50 dias, antes do plantio, numa temperatura de 2 a 4 graus, nos mesmos moldes dessa prática no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Chapada Diamantina, na Bahia, garantindo uma temperatura estável. Com isso a colheita é feita com três meses, diferente da tradicional que é de quatro meses. Além disso, esse alho é comercializado em caixas, com grande aceitação no mercado.

Esse projeto foi iniciado em 2010 a título de experiência, com colheita de 700 kg de alho. A previsão para 2011 é de colher 7000 kg.

A produção de alho em Guirapá ocorre individualmente e a vendagem é também feita por cada produtor. O trabalho da Associação de Produtores de Alho visa mudar esse quadro, no que se refere a comer-

cialização a partir do ano de 2012, quando o produto deverá ser vendido diretamente pela associação na região e em Belo Horizonte, gerando maiores lucros, sem a presença de atravessadores.

A APAG conta atualmente com 64 (sessenta e quatro) produtores associados e está em vista de construir sua sede. Para isso já viabilizou terreno que será doado pela Prefeitura Municipal, garantindo maior e melhor organização. Atualmente o trabalho com a produção de alho é feito através de tração animal e mesmo assim, atinge uma produção de 500 a 600 toneladas por safra, uma quantidade considerável, já que no Brasil é produzido apenas 36% do consumo nacional. O restante vem da China e da Argentina.

Dentre os produtores guirapaense, destacam-se como maiores plantadores de alho: No Barreiro, Isaac José da Silva, Jorge Caires, Jorge Duarte Castro, Roque Castro e Eunildo Duarte; na Tapera, Charles Plínio Nogueira e Ionaldo Aurélio Prates; na Lapa, Lucidônio Pitão, Jorge Ciríaco, Cezar José da Silva e em Guirapá, Washington Garcia, Alexsander de Oliveira, Antero de Oliveira Neto, Edilson de Castro e Edmilson de Castro.

Guirapá tem atualmente destaque especial na produção de alho na região e no contexto estadual se aproxima dos maiores produtores da Bahia. A riqueza do seu solo, aliado ao desejo de crescimento de seu povo, concorre para que seu lençol freático, muito rico, seja bem aproveitado através da água que jorra dos poços perfurados para irrigar suas plantações. O alho é importante e bem cultivado, mas no período de entre safra é excelente a produção de coentro, tomates, cenoura, beterraba e cebola, além de outras hortaliças.

O algodão teve seu período áureo em Pindaí e, representou por muito tempo, a única economia municipal, desenvolvendo uma situação de monopólio. No entanto, o surgimento de pragas, a escassez de chuvas e a falta de uma estrutura que garantisse melhor apoio aos agricultores, concorreram para que viesse a decadência dessa produção. Algumas ações estão sendo tomadas, para que investimentos sejam viabilizados no setor da cotonicultura, porém de forma muito tímida ainda.

A prática da caprinocultura no município de Pindaí teve criadores no passado e no presente. Sua organização sistematizada, porém, iniciou-se na década

de 90 por iniciativa da CPT – Comissão Pastoral da Terra, coordenada por Ângelo Costa e José Coqueiro, que trabalharam no município com um fundo rotativo para criação de caprinos, emprestando matrizes para serem devolvidas em dois anos, parceladamente: No primeiro ano a metade e ao final do segundo ano a outra parte. Esse trabalho foi iniciado na Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Mucambinho – ACOPRUM e, a partir daí, se estruturou a caprinocultura com animais de raças melhoradas, com acompanhamento. Diante dessa realidade o grupo de famílias dessa associação que tomou gosto pela atividade, partiu para novos empreendimentos, incentivando também para que todos os outros participassem de projetos. E foi assim, que no ano de 1997 buscaram o Banco do Nordeste, onde houve financiamento para 24 famílias com a aquisição de caprinos e três famílias para adquirirem gado leiteiro. Recursos também foram viabilizados para garantia de estrutura, como apriscos, cercas de arame, reservatório de água, além de matrizes e reprodutores. Tudo isso em 10 anos, com três anos de carência e sete para o pagamento. A implantação desse projeto foi no ano de 1999 com a chegada dos primeiros animais provenientes do norte da Bahia (Jaguarari e Rui Barbosa). Tudo começou em forma de mutirões, treinamentos e capacitações e o ano de 2000 foi fechado com 250 cabritos no ponto de abate para comercializar. O sonho era que isso fosse realizado conjuntamente para se evitar atravessadores, tendo como resultado maior lucratividade. Como isso não aconteceu, surgiu a idéia de se realizar uma feira. Surgiu daí a “Feira do Bode”, que deveria ser inicialmente algo simples, colocando-se os animais num determinado lugar para serem vendidos ou trocados. Porém, na montagem dessa feira, precisaram buscar parcerias e com isso se agregaram ao projeto, além da ACOPRUM, a Prefeitura Municipal, SEAGRI, CPT, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, comércio local e regional e prestadores de serviços. Ficou estabelecido como data para sua realização o primeiro final de semana depois da Páscoa e o ano de 2001 marcou sua primeira realização, com exposição de animais e palestras, tendo antes associados da ACOPRUM recebido capacitação para agregar valores ao produto, beneficiamento da carne, através de embutidos e defumados

e aproveitamento de vísceras. Foram vendidos na oportunidade 40 cabritos cozidos e os demais animais foram comercializados depois, através de contatos com compradores que visitaram a feira. Com sucesso crescente, a Feira do Bode foi realizada nos anos seguintes, até 2004. Com a mudança administrativa no município de Pindaí, o projeto foi interrompido e, somente no ano de 2006, houve uma feira, denominada de "Feira de Agronegócio", sem a participação da ACOPRUM, que dos 27 criadores de caprinos iniciais, restam apenas quatro.

A apicultura é também alternativa econômica do município, considerando que temos uma florada rica e variada, precisando apenas de sistematização na criação correta de abelhas. Pensando nisso, foi fundada a APIMUPI – Associação de Apicultores do Município de Pindaí e a ACRIAL – Associação dos Criadores de Abelhas de Lagoinha, para exploração do mel e, no ano de 1997, foi construída no Mucambinho uma Casa de Mel, através de Padre Miguel, com recursos do governo de Nova Zelândia. Tudo foi feito de acordo com as exigências da legislação vigente, desde a escolha do local, planta, até a construção e aquisição de maquinários. No entanto, o SIF – Sistema de Inspeção Federal não aprovou ainda o funcionamento do local e isso gerou empecilhos para a venda do mel, cuja produção, chegou num determinado momento a 15.000 kg. Para solucionar esse impasse, estão comercializando o produto através de uma cooperativa de Licínio de Almeida, a COOPMEL.

A Casa do Mel continua ativa, mas precisa de ampliação para que seu funcionamento seja pleno. No momento, estão buscando recursos para que isso possa se concretizar.

Diversos outros projetos estão sendo desenvolvidos em Pindaí e, importante em tudo isso, é que o município tem um povo ordeiro e trabalhador e novas alternativas estão sendo encontradas, além da apicultura, caprinocultura, experiências com sementes crioulas, dentre outros, ao lado de uma pecuária que aos poucos está novamente se firmando no cenário econômico municipal. Além disso, muitas associações foram formadas e isso vem concorrendo para o desenvolvimento de uma mentalidade associativista que promove a organização de ações voltadas para as comunidades, principalmente no âmbito rural, o que pode contribuir para minimizar os movi-

mentos sazonais migratórios, tão frequentes ano após ano, depois da queda vertiginosa da produção algodoeira no município.

Quanto a dados estatísticos mais precisos, existe um problema de ordem cultural que leva os informantes, muitas vezes, a omitir informações solicitadas pelos órgãos de pesquisas, levados pelo medo de perder alguma coisa ou mesmo por desinformação e desconfiança, o que somente atrapalha, pois informar bem, significa progresso, já que, no âmbito governamental, quando vão fazer alguma coisa por determinada região, baseiam-se em dados estatísticos oficiais, na confiança de que esses representam o retrato fiel da realidade. Infelizmente essa mentalidade prejudica as regiões mais carentes e necessitadas do Brasil pelas razões expostas.

Muito importante também foi o surgimento de sindicatos no município, como garantia de organização de trabalhadores. O primeiro foi o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Pindaí que foi fundado no ano de 1979, por iniciativa de José Joaquim Cardoso (já falecido), que iniciou seu projeto, fazendo previamente reuniões nas diversas localidades rurais para expor o que representava ter um sindicato na defesa dos trabalhadores no município. Sua tarefa não foi fácil, porque nesse período, muitas pessoas concebiam sindicatos como transgressores da ordem e oposição a quem estivesse no poder e, por essa razão, deparou com diversos problemas.

Mesmo com esses empecilhos, o STR – Sindicato de Trabalhadores Rurais de Pindaí foi posto a funcionar e José Joaquim Cardoso se tornou seu primeiro presidente, seguido depois do segundo mandato por Reinaldo Batista Leal, Jesuel Fialho de Carvalho, Manoel Ribeiro da Costa e Roberto Fialho de Carvalho, todos com dois mandatos consecutivos.

Uma das grandes causas abraçada pelo sindicato no início, foi com relação a região dos gerais, em defesa do pessoal que sempre utilizou essas terras para criação de animais, colheita de alimentos e raízes para remédios. Empresários de Guanambi queriam fechar o local e impedir a entrada do povo e a situação chegou a um patamar perigoso! Aqueles que se julgavam donos das terras cercavam e os prejudicados derrubavam. Na ocasião, o STR tentou uma conciliação entre as partes e, não conseguindo sucesso, ingressou com ação na justiça, com vitória para

aqueles que sempre usaram essa região como fonte de sobrevivência.

José Joaquim Cardoso prestou serviços relevantes a essa entidade, utilizando no início de seu funcionamento, até mesmo recursos próprios para serem ressarcidos quando possível! Muitos sócios pagavam mensalidades com mantimentos que eram vendidos, para que o dinheiro fosse revertido em quitação de seus débitos. O trabalho era também muito grande porque o sindicato para ser reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social dependia de número de associados.

A construção da sede própria do STR foi no ano de 1990, mediante a necessidade da existência de um local próprio que oferecesse dignidade ao trabalhador e condições melhores de funcionamento, como um todo. Foi feito um projeto de engenharia e, mesmo sem recursos em caixa, a coragem falou mais alto! Foi realizada uma campanha de recuperação dos associados para a garantia de arrecadação normal de mensalidades, negociação foi feita com inadimplentes e o pessoal começou a sentir a importância da representatividade sindical. No início, foi muito difícil manter o ritmo da construção. O material utilizado foi adquirido no comércio local, com pagamento parcelado e a sede foi construída com salas de reunião, cozinha, banheiros, dormitórios, auditório, almoxarifado e dependências administrativas e está equipado com fone/fax e computadores conectados a internet, mantendo no seu funcionamento, funcionários que executam as tarefas referentes a processo de informações e organização de documentos, o que não é fácil, devido muitos não registrarem sua profissão como agricultor, dificultando, quando necessário, até a garantia de seguridade especial, que é não precisar contribuir com a Previdência Social para a aposentadoria, bastando somente provar sua atuação como produtor rural.

O Sindicato de Trabalhadores Rurais é uma entidade da sociedade civil, regida pelo Código Civil Brasileiro, como qualquer associação de classe. É constituído por uma Assembleia Geral, Diretoria e Conselho Fiscal e sua denominação atual é desde o ano de 2005, Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar, com a desvinculação da CONTAG, da Central Única de Trabalhadores - CUT. Além disso, Lei sancionada pelo ex presidente Lula já determina a instituição do trabalhador rural como agricultor familiar, dan-

do a essa uma abrangência maior, relacionada com todas as atividades ligadas ao meio rural. Com isso, foi criada a FETRAF – Federação de Trabalhadores na Agricultura Familiar com o lema, Agricultura Familiar: “As Mãos que Alimentam a Nação”, que funciona a nível nacional e estadual e a quem estão subordinados os sindicatos rurais.

Muitas foram as conquistas adquiridas nos últimos anos em prol do homem do campo, mediante a luta empreendida por movimentos sindicais, junto aos constituintes, como a aposentadoria especial (mulheres com 55 anos e homens com 60 anos), pensão por morte, salário maternidade, auxílio doença, dentre outros. Importante contribuição foi dada através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, criado no ano de 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Através do programa, são gerados recursos específicos para a agricultura e com isso, o agricultor tem acesso a linhas de crédito importantes para seu trabalho. No município de Pindaí, existem mais de mil famílias beneficiadas através desse programa, com custeio agrícola, aquisição de matrizes de bovinos, suínos e caprinos, máquinas e implementos agrícolas, cerca, pasto e outros elementos necessários para a organização da propriedade, tudo isso com recursos subsidiados.

Desde sua fundação até o momento presente, o sindicato tem registrado 6292 (seis mil duzentos e noventa e dois) sócios. Esse número, porém, precisa de atualização, porque muitos já morreram ou mudaram de atividades.

A DESSPUMUP – Delegacia Sindical dos Servidores Públicos Municipais de Pindaí foi criada com o objetivo de promover a integração e união entre as diversas classes dos servidores públicos municipais. Sua reativação ocorreu em março de 2010 e no mês de maio do mesmo ano, foi dado posse para a nova diretoria, cuja presidência coube a professora Ninfa Freire, merecidamente, pelo seu empenho e atitudes de liderança diante dessa organização.

A entidade possui no seu quadro de sindicalizados, funcionários do magistério (professores e especialistas), de apoio (administrativos e operacionais) e dos demais quadros da Prefeitura Municipal, agregando sua luta por todas as categorias, compatibilizando sua atuação pela defesa intransigente das conquistas dos servidores, prestando a seus associados aten-

dimentos diários e assessoria jurídica, dentre outros. 206 funcionários já estão filiados e para a sustentação do órgão, cada um dá sua contribuição financeira mensalmente.

Após a formalização do funcionamento da Delegacia Sindical, ocorreu uma primeira assembleia geral para aprovação da pauta de reivindicações dos servidores públicos municipais de Pindaí e, em seguida, instalada mesa de negociação para apresentação de reivindicações ao gestor municipal e estabelecer discussão sobre o Plano de Cargos e Salários com o prefeito municipal, a Secretaria Municipal de Educação e Comissão de Educação da Câmara Municipal. Esse foi um momento muito importante, porque a partir das discussões, houve amadurecimento de idéias e consenso nos pontos mais polêmicos, entre as partes.

A Delegacia Sindical de Pindaí está no momento lutando pela implantação de um Plano de Cargos e Salários para as demais categorias que representa e para isso, uma série de medidas estão sendo providenciadas para se alcançar tal conquista.

Novas perspectivas estão surgindo para o município de Pindaí no momento atual, através da entrada no cenário econômico e social de grandes empresas como a Bahia Mineração, para extração do minério de ferro e a Renova e Sequóia, para exploração do potencial eólico.

A Bahia Mineração (BAMIN) é uma empresa nacional que chega ao mercado de extração de minério de ferro, com um projeto muito ambicioso e pioneiro no Estado da Bahia, com a intenção de produzir 20 milhões de toneladas de minério por ano, ser uma das mineradoras mais modernas do mundo e contribuir para transformar a Bahia no terceiro maior produtor de minério de ferro do Brasil!

No município de Pindaí foi descoberto potencial de exploração do minério de ferro e a Bahia Mineração estará fazendo a extração dessa importante matéria prima para a indústria siderúrgica, concorrendo para uma nova etapa de desenvolvimento econômico e social no âmbito de nossa comunidade, através do projeto Pedra de Ferro, implantado na região que abrange também outros municípios além do nosso.

O projeto Pedra de Ferro será formado por um sistema de suprimento de água industrial, linhas de transmissão de energia, a mina e a usina de concen-

tração, uma logística de transporte de mais de 400 km e um terminal de embarque privativo *offshore* ligado a uma retroárea, em Aritaguá, próximo à Ilhéus. A previsão é que o projeto Pedra de Ferro inicie suas operações em 2014, o que transformará o Estado da Bahia no 3º maior produtor de minério de ferro do Brasil.

Outra iniciativa da Bahia Mineração é a execução do projeto Mina de Talentos, que foi apresentado ao município de Pindaí em fevereiro de 2011. O projeto visa a preparação de pessoas para o mercado de trabalho, com a promoção de cursos gratuitos que permitirão a qualificação profissional para as comunidades onde vai atuar, já que o déficit qualitativo gera apagão de mão de obra, que é a existência de vagas, sem condições de preenchimento, pela inexistência de pessoas preparadas para ocupá-las. Buscando solucionar esse problema, valorizar e oportunizar a mão de obra nas áreas em que atua a Bamin (Bahia Mineração), em parceria com o SENAI e apoio das prefeituras locais, vai oferecer grandes oportunidades de participação e crescimento da região, no nosso caso Caetité, Guanambi, Malhada, Pindaí e Guirapá, com a absorção de trabalhadores que serão treinados para o mercado de trabalho nas etapas de construção e operação da mina de ferro.

No caso específico de Pindaí, mediante parceria com a Prefeitura Municipal, foi construído um centro de treinamento para servir de local preparatório dos cursos que serão ofertados. A construção foi feita mediante concessão por tempo determinado de terreno localizado no fundo do Centro de Múltiplo Uso, autorizado pela Câmara de Vereadores.

Nesse local, funcionarão cursos, atendendo prioritariamente às necessidades de duas fases distintas: Construção e operação. Dessa forma haverá a oferta de vagas para motorista de caminhão, operadores de máquinas e operadores polivalentes no setor de movimentação terra e carga, com a exigência de escolaridade de 8ª série até o ensino médio; armadores de ferragem (6ª série), auxiliar civil (alfabetizado), carpinteiro (6ª série), pedreiro (6ª série), pintor (alfabetizado), marcenaria industrial (8ª série), na obra civil; auxiliar de montador, auxiliar de mecânica, caldeireiro, encanador industrial, mecânico ajustador, mecânico montador, montador de estrutura metálica, soldador de estrutura, auxiliar de eletricista, eletricitista industrial, aperfeiçoamento de monitor, na área de

montagem elétrica e mecânica, com exigência de ensino médio e na área de técnicas administrativas, o curso de técnicas administrativas, com exigência de ensino médio.

Virão depois cursos para a fase de operação, que serão iniciados no ano de 2013, um ano antes do início de funcionamento da mina. Nesse caso, serão treinados operadores de caminhão fora de estrada, operadores de equipamentos auxiliares e de apoio, operadores de escavadeira e pá carregadeira, operadores de perfuratriz, além de outros cursos preparatórios para manutenção elétrica de equipamentos de mina, manutenção mecânica de equipamentos de mina e auxiliares de mineração. Além disso, haverá treinamento para o porto de Ilhéus – para onde o ferro será levado, usina e ferrovia.

As pessoas não serão treinadas somente para o ofício técnico. Ao lado disso, a formação obedecerá ao todo, com enfoque para o exercício da cidadania, com liberdade para buscar outras oportunidades, tendo como resultado o bem para si mesmo e para a coletividade, onde está inserido. A sensibilização sócio-ambiental constituirá também um dos pilares exigidos no módulo comportamental. A meritocracia será valorizada e, somente fazer um curso, não significa garantia de absorção no campo do trabalho; é preciso ter rendimentos superiores a nota 07 (sete) e frequência de no mínimo 75% nas aulas.

Em Pindaí haverá vagas na área civil, elétrica e mecânica. Em Guirapá, apenas a área civil. Um requisito muito importante é o candidato ao emprego apresentar, além de outros documentos, a comprovação de residência no âmbito do município.

Outras empresas estão igualmente entrando no município de Pindaí, como a Renova e Sequóia, objetivando fazer a captação de ventos na produção de usina eólica. No mês de abril de 2011, realizou-se sessão pública na Câmara de Vereadores, por iniciativa da empresa geradora desse tipo de energia, a Sequóia, interessada em explorar o potencial do município nesse sentido. Para atingir tal objetivo, foram apresentados estudos feitos nas áreas de abrangência, sendo discutidos diversos aspectos, inclusive aqueles voltados para os impactos ambientais.

Com relação ao aspecto comercial, temos no momento apenas uma agência bancária, o Bradesco e diversos estabelecimentos comerciais que movimen-

tam a economia local, destacando-se na sede de Pindaí alguns de maior porte como o SEL – Supermercado Economia do Lar, Supermercado Araújo, Supermercado Pindaí, Supermercado do Povo e Supermercado Bom Preço. Registram-se também lojas de móveis e eletro domésticos, como a Eletro News e Móveis Casa Nova, Comercial Lacerda e Macielly Móveis, além de farmácias como Alicura, Divina, Drograria Multifarma e Drograria Vita Farma; a Metalart presta serviços de fabricação de móveis escolares, escritório, auditório e hospitalar; no setor madeireiro e materiais para construção, temos a Construdias e vários outros estabelecimentos, como Macopin, Casa Azevedo e CL Materiais de Construção; a Ligiane Papelaria fornece materiais escolares e de escritório; dois postos de gasolina e diesel, o Auto Posto Pindaí e o Posto Rancho Alegre fornecem combustíveis; a oficina El Shaday funciona com consertos de máquinas e veículos e a Funilaria de Juvenal faz o serviço de pinturas em veículos. Os serviços funerários são prestados pela Pax Nacional e Funerária Pai Bahia. Além disso, diversas outras lojas vendem confecções, tecidos e armarinho em geral e materiais de informática, são fornecidos pela Supribahia Informática.

Temos ainda carência de hotéis e pousadas, funcionando nesse setor apenas o Auto Posto Pindaí e a Pousada Minas Bahia, que não são suficientes para a demanda, principalmente no período de festas. São poucos também os serviços de restaurantes, destacando-se alguns como O Calangão, Bar da Cida, Restaurante de Maurina, Restaurante de Maria e Licínio, além de barraquinhas na feira livre, como as de Maria de Preto, Aurita e Tiana. Além disso, a cidade conta com estabelecimentos de fornecimento de gás, bares, casas de frutas e verduras e padarias.

No setor de comunicações contamos com os serviços telefônicos a cargo da TELEMAR (Telefones fixos) que tiveram início na década de 80 e da TIM (telefonia via celular) implantada no ano de 2009. A Internet via cabo é fornecida por duas Operadoras: A NEWAY, sob a responsabilidade de Carlinhos Leal que implantou esse serviço em Pindaí no ano de 2005 e estendeu o atendimento para o distrito de Guirapá e Mato Grosso, Paus Preto, Tanque e Sanharó, na zona rural e STARNET que foi implantada no ano de 2010. A entrada do município no campo virtual foi muito importante, por inserir a localidade no mundo da internet, pro-

porcionando informações em tempo real, aproximação entre pessoas e criando os mecanismos de facilidade e organização da estruturação administrativa. O surgimento do Site Portal Pindaí no ano de 2007, por iniciativa de Neto Borges, veio com o propósito de divulgar Pindaí e região. Essa ação vem desempenhando um papel de destaque, com grande aceitação, principalmente para os pindaienses que se encontram fora daqui e, até o momento, com pouco mais de três anos de existência, já registra a marca de um milhão e cem mil visitantes.

O serviço de comunicação via correios está a cargo da ECT – Empresa dos Correios e Telégrafos, com unidades instaladas em Pindaí e distrito de Guirapá.

A assistência médica sanitária é prestada através de um Centro de Saúde na sede e cinco PSFs – Programa de Saúde da Família nas localidades de Guirapá, Tanque, Paus Preto, Tabua e sede de Pindaí, que atendem a consultas médicas, atendimento individual de enfermagem, atendimento odontológico, diversos procedimentos, como curativos, inalções, aplicação de injeções, retirada de pontos, terapia de reidratação oral, sutura, aferição de pressão, teste de glicemia, visitas domiciliares, puericultura, pré-natal, prevenção cérvico-uterino, acompanhamento de pacientes com hipertensão, diabetes, DST/AIDS, hanseníase, tuberculose e procedimentos odontológicos. Registra-se também um hospital municipal que foi recentemente municipalizado e presta serviços ambulatoriais e de internamento. Os casos mais difíceis são solucionados em outros centros

O município mantém quatro colégios: Centro Educacional Prefeito Francisco Teixeira Cotrim na sede (ensino fundamental, séries finais), Centro Educacional Prefeito Francisco Teixeira Cotrim em Guirapá (séries finais do ensino fundamental e ensino médio), Colégio Joana D'Arc no Povoado do Tanque (séries iniciais e finais do ensino fundamental) e Escola Durval Borges de Carvalho em Paus Preto (séries iniciais e finais do ensino fundamental), além de 03 creches e 21 escolas com atendimento do 1º ao 5º ano, espalhadas na sede de Pindaí e Guirapá e zona rural. A Rede Estadual de Ensino mantém duas escolas: O Colégio Ana Angélica (ensino fundamental, séries finais) e Colégio Estadual Petronílio da Silva Prado (ensino médio). Na Rede Privada, registra-se a Escola Objetiva que atende crianças na educação infantil e séries iniciais do

ensino fundamental e no povoado do Tanque funciona uma Escola Filantrópica, sob a responsabilidade da Igreja Filadélfia. O censo escolar no município, registrou no ano de 2010 a matrícula de 3.401 (três mil quatrocentos e um) alunos, incluindo creches, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e EJA – Educação de Jovens e Adultos, atendidos por 156 professores, além de diretores, coordenadores, auxiliares e pessoal à disposição de outros órgãos.

No aspecto religioso, existem diversas igrejas espalhadas pelo município, diferenciadas pela religião: Igreja Matriz São João Batista, que professa a Religião Católica, Assembléia de Deus, Batista Filadélfia, Deus é Amor, Cristã do Brasil, Batista Betel, Testemunhas de Jeová, Apostólica, 1ª Igreja Batista de Pindaí, Igreja Pentecostal Deus é Vida, Adventista do 7º Dia e Igreja Pentecostal Aliança com Cristo. Tudo isso caracteriza a diversidade religiosa da população.

A Religião Católica, predominante no município, está sob a responsabilidade da Paróquia São João Batista, que foi oficialmente criada no município de Pindaí no ano de 1962. Nesse período, não havia ainda comunidades eclesiais de base formadas e, comum, eram as missões e rezas do povo. Porém, aos poucos surgiram pequenas comunidades através de rezadeiras e homens piedosos.

A igreja matriz antiga era no mesmo lugar da atual, porém totalmente diferente, conforme afirmação de antigos moradores. Inicialmente havia uma pequena capela feita de adobe, material construído do barro misturado com esterco de gado para ganhar resistência, em forma de um tijolo. O sino da igreja ficava pelo lado de fora, dependurado numa forquilha. No decorrer do tempo, devido às chuvas intensas a capela veio a cair, criando assim a necessidade de outra construção e essa foi realizada de uma maneira muito bonita! O povo, sobretudo da zona rural, se empenhou bastante para ver sua Igreja edificada novamente, num trabalho liderado por padre Celestino, organizador dessa campanha.

Quando ainda era uma pequena povoação, com a denominação de São João da Gameleira, chegou por aqui o padre Liberato, como primeiro celebrante e depois vieram outros, como padre Rocha, padre Celestino, padre Homero, padre Geraldo, padre Ademar, os padres Italianos Gianni Boscollo, Antônio e Arnaldo, padre Egidio, padre João William, padre Itamar, pa-

dre Alfredo, o neozelandês padre Miguel, padre Noé e atualmente padre Edson Passos.

Todos procuraram fortalecer a fé católica e muitos deles fizeram importantes trabalhos para o crescimento da paróquia: Os padres italianos, Gianni, Antônio e Arnaldo criaram diversas comunidades rurais, promoveram a formação para dirigentes das comunidades, formação de grupo de jovens e uma grande contribuição do padre Gianni foi na fundação do primeiro colégio de 5ª a 8ª série do município, o Centro Educacional de Pindaí.

Inicialmente os padres não tinham moradia fixa na cidade. Ficavam hospedados na residência de Jerônimo Borges de Carvalho e fixavam-se mais na cidade de Urandi, onde já existia uma casa paroquial. Havia também uma senhora, muito dedicada à igreja, chamada Leôncia Rosa de Jesus (Salió), que cuidava da igreja e também colocava à disposição sua pequena e humilde residência para os sacerdotes que prestavam seus trabalhos pastorais.

Em 1991, o padre Miguel veio morar em Pindaí a pedido do bispo Dom Alberto e foi o primeiro a ter moradia fixa na cidade. Quando aqui chegou, deu continuidade aos trabalhos dos outros padres, mas tratou de investir muito, buscando meios de melhorar a estrutura paroquial. Como não existia um local para sua moradia, hospedou-se por vários anos em casa de amigos, como o casal Benedito Santana e Maria do Carmo. Costumava fazer suas refeições nas casas dos paroquianos que tinham um profundo respeito e estima por aquele padre, vindo da Nova Zelândia, que conquistou amigos e focalizou seu trabalho numa amplitude maior, realizando além da missão religiosa, um trabalho social intenso, buscando fora do país e até mesmo com autoridades de Nova Zelândia, ajuda para criar muitos projetos comunitários como a criação de cabras na comunidade de Mucambinho, a casa de farinha na comunidade de Pedra Grande, a Casa de Mel na Associação de Mucambinho, construção de um anfiteatro na Escola Thales Fausto, melhorias habitacionais na região de Lagoa Funda, ajudou a implantar a Pastoral da Criança, com sede própria, foi o primeiro a trazer a informática para os jovens de Pindaí, montou uma biblioteca paroquial, doou uma biblioteca para o Centro Educacional de Pindaí, (homenageada com seu nome), incentivou e ajudou através de bolsas de

estudo, conseguidas junto a pessoas de sua terra e espalhados pelos Estados Unidos e Europa, muitos jovens a ingressarem em curso superior, construiu um salão paroquial anexado à Igreja Matriz e salas para catequese, um espaço para reunião de Vicentinos, organizou o coral da igreja, adquiriu um computador para a secretaria paroquial e a aparelhagem de som para a Igreja Matriz, investiu bastante na reforma da Igreja, trocando portas, janelas e vitrais, colocando madeira de lei e proporcionou aos jovens, conhecimentos até então desconhecidos de muitos, através de excursões que organizava, pelo menos duas vezes ao ano, para cidades históricas de Minas Gerais e litoral do Nordeste. A casa paroquial de Pindaí foi a sua última obra em construção, antes de seguir para outra paróquia, que segundo ele, precisava também do seu trabalho. A seu convite veio também a Pindaí por duas vezes a embaixadora de Nova Zelândia no Brasil, Denise Almas, para conhecer o resultado de alguns investimentos realizados no município, com recursos oriundos do seu país. Quando a Primeira Ministra de Nova Zelândia, Helen Clark, esteve no Brasil para inaugurar a sede da embaixada em Brasília, padre Miguel juntamente comigo, esteve na Capital Federal, atendendo convite de Denise Almas, com hospedagem na residência oficial. Isso demonstrou o grande prestígio que ele tinha junto às autoridades de sua pátria.

Como resultado do trabalho empreendido, a paróquia hoje é constituída pela sede e por 51 comunidades rurais, das quais 40 têm a sua capela e 14 delas tem o Santíssimo Sacramento. O distrito de Guirapá tem uma estrutura de paróquia e povoados, como o Tanque, possui uma capela grande e missas periódicas, ocorrendo o mesmo com os povoados de Paus Preto e Mato Grosso.

A maior festa religiosa na matriz é a do Padroeiro São João Batista, realizada no dia 24 de junho, após uma preparação de nove dias. No Distrito de Guirapá uma grandiosa festa do Padroeiro São Sebastião envolve todas as comunidades circunvizinhas e acontece entre os dias 11 a 20 de janeiro, concluída com a solene Missa em Ação de Graças.

Na Paróquia de Pindaí já se registraram acontecimentos importantes como a consagração de duas filhas ilustres que se consagraram a Deus dentro da Congregação Marista: Primeiro a Irmã Ana Célia e de-

pois, a Irmã Mônica. A segunda teve a sua consagração realizada no dia 11 de dezembro de 2005, presidida pelo padre Miguel e organizada pelo pároco padre Noé na presença da Superiora Geral da Congregação, a irmã Gema vinda da Nova Zelândia.

Tivemos também em Pindaí a ordenação religiosa do primeiro filho de Pindaí, o padre Manoel Francisco Paes, ocorrido em fevereiro de 2009, que recebeu as bênçãos do bispo Dom Ricardo, na presença de vários padres, religiosos e todas as comunidades rurais.

Implantadas na Paróquia São João Batista encontram-se prontas e atuando: A Pastoral Familiar, Pastoral da Juventude, Pastoral da Catequese, Pastoral da Crisma, Pastoral da Criança, Pastoral da Esperança, Pastoral do Dizimo, Pastoral Vocacional, Pastoral do Batismo, a Infância Missionária, o Apostolado da Oração, o Movimento dos Vicentinos, Grupos de Orações e mais recentemente, o Movimento da Renovação Carismática. Existe também a preparação de pessoas no curso de Teologia para Leigos.

O padre Noé Moreira de Aguiar Neto se colocou a serviço dessa paróquia em setembro de 2004 e, dando continuidade aos trabalhos realizados por padre Miguel, incentivou a construção de cinco capelas e a reforma de vinte e quatro já existentes nas comunidades rurais, levando o Santíssimo Sacramento a quatorze comunidades. Foi o responsável pelo projeto de aquisição do automóvel Fiat Uno que serve à paróquia, assim como aquisição de um computador, uma impressora multifuncional, um data show, um note book, sete ventiladores para a Igreja Matriz, a Pia Batismal, cadeiras para o prebistério, ambões, paramentos litúrgicos. Foi também o organizador de campanhas para reformas da igreja e do salão paroquial, com a troca do telhado e assentamento do piso no pátio de entrada e a compra de sessenta cadeiras. Criou o Fundo de Solidariedade e implantou encontros de formação integral uma vez por semana, realizados às quartas-feiras. Organizou romarias ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, num total de cinco viagens e algumas romarias à cidade de Bom Jesus da Lapa, sem esquecer o grande incentivo que deu à Pastoral do Dizimo. Deixou a paróquia no dia 30 de janeiro do ano de 2010 e a sua despedida ocorreu com uma missa solene na igreja matriz e logo após uma confraternização no salão paroquial com a presença de muitas

pessoas que vieram se despedir de um pároco que tão humildemente soube servir ao município!

O padre Edson Rocha Passos chegou a Pindaí em janeiro de 2010 para assumir a Paróquia São João Batista e, apesar de pouco tempo no município, já é perceptível seu poder de liderança e firmeza de propósitos. Sua atuação firme e dinâmica vem trazendo significativo fortalecimento para a Igreja Católica.

Antecedendo os festejos de São João Batista no ano de 2011, foram realizados reparos e pintura na Igreja Matriz com a participação dos fiéis e houve intensa organização na preparação da Festa do Padroeiro, que culminou com momentos marcantes, como a missa campal do dia 24 de junho, que agregou na frente da igreja aproximadamente 3000 pessoas!

A Igreja Apostólica em Pindaí começou a funcionar a partir do incentivo de João Fernandes de Azevedo, que por volta do ano de 1959, começou a ouvir o programa intitulado "A Hora Milagrosa" na casa de Antônio Rodrigues Pinto. Procurou adquirir um rádio e formou um grupo de 35 ouvintes para ouvir o programa em sua casa. Posteriormente, o bispo Eurico Matos Coutinho de São Paulo, enviou o pastor Marcolino Cristóvão para realizar reuniões domiciliares, inicialmente na residência de João Fernandes de Azevedo, Otacílio Fernandes, João Batista Primo, Geraldo Silva Ribeiro, Gracindo Souza Carvalho, João Nunes Sobrinho e Dalva de Matos. Esses encontros ocorreram de 1960 a 1962. Depois disso, foi escrita uma carta para o bispo, pedindo autorização para abrir uma filial da igreja em Pindaí. Esse pedido foi aceito e as primeiras reuniões eram congregadas num salão pequeno, de propriedade de Manoel Batista. No entanto, o surgimento de alguns problemas, concorreu para que o salão fosse fechado e o grupo de apostólicos aqui formado, passou a congregar em Montes Claros, uma vez ao mês, com muitas dificuldades.

Depois de nova autorização, as reuniões foram abertas novamente, com a construção do primeiro salão, sob a responsabilidade do pastor Marcolino Cristóvão, seguido de outros pastores como: Liberato, Pedro Negro, José Piris, José de Souza Pinto, Serafim Peres, Geraldão, Luiz de Mello, Gualter e José Cáffaro Neto que residiu aqui por muito tempo.

No ano de 1971, o bispo da igreja, juntamente com sua esposa e Aldo Bertone vieram a Pindaí para celebração da Santa Comunhão, promover a transfe-

rência do pastor Cáffaro para outro lugar e dar posse ao pastor Antônio Rodrigues Pinto que passaria a ser responsável pela obra e pela evangelização.

Assumindo essa responsabilidade, o pastor Antônio Pinto, credenciado no dia 13 de agosto de 1977, deu grande contribuição a Igreja Apostólica, doando também o terreno onde se ergueu o atual salão da congregação. Ao falecer no dia 27.02.2002, deixou relevante contribuição para a família apostólica.

A Igreja Apostólica tem um coral com 80 pessoas e uma frequência de aproximadamente 400 adeptos. Seus membros já fizeram a ampliação do local e, no momento, estão construindo uma dependência para alojar pessoas, com a participação de todos, inclusive realizando aos domingos mutirões com a presença de homens e mulheres.

No final do ano de 2010 receberam festivamente, e de forma muito organizada, o primaz Aldo Bertone para a Santa Comunhão.

A Igreja Batista Betel pertence à convenção das igrejas batistas independentes, fruto de um trabalho missionário vindo da Suécia. Nasceu no Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina, com a chegada do missionário Érik Jansson em 1912, que além da fundação de igrejas, deu início a várias obras sociais, como a construção de escolas, orfanatos, asilos para idosos, clínicas médicas, além de outros.

No mês de setembro do ano de 2004, representantes da Igreja Batista Betel Independente em Guanambi, tendo por dirigente o pastor Braulino Soares Barbalho, juntamente com o apoio do pastor presidente, Francisco Carlos, visando expandir o Evangelho Divino em outras localidades, iniciaram em Pindaí uma congregação da igreja sede. Na oportunidade, o presbítero Adão Alves e família, passou a dirigir os cultos e coordenar as demais atividades, inicialmente com a sede num estabelecimento alugado na Rua São João, centro de Pindaí, onde os cultos eram realizados nas quintas e domingos. Com o aumento da frequência de visitantes, passaram a ser também realizados nas terças e domingos, no período matutino. Em outubro do mesmo ano, foi criado o departamento da União Feminina, que tem por função a realização de obras sociais no município.

Nos anos de 2005 e 2006, a igreja se estruturou e houve considerável crescimento com destaque para o trabalho social de resgate de vidas que se encon-

travam às margens da sociedade e projeto de Música para ensino dessa arte a crianças carentes. No mês de maio de 2006, realizou-se o primeiro batismo, com 11 pessoas e 2007 foi um ano de planejamentos e continuidade dos projetos em andamento.

Em 2008, após reunião com a Diretoria Geral do Campo, foi estabelecida em ata a mobilização para construção do templo sede e, em agosto do mesmo ano, com o apoio de membros, autoridades da cidade e amigos, iniciou-se a construção, com momentos de grandes lutas, porém, coroados de êxito, pois no dia 25 de dezembro de 2008, foi inaugurado o templo com um culto de Ação de Graças, em agradecimento pela bênção recebida.

No ano de 2009 foi dado continuidade ao projeto de conclusão do templo e projetos sociais, que por sua vez, repercutiram no município com forte impacto sobre a sociedade. Diante da adesão de diversas famílias aos projetos, construiu-se em 2010 uma sala específica para o Departamento Infantil, onde são ministradas aulas bíblicas e educativas. Esse trabalho é muito importante, porque a Igreja Batista Betel preocupa-se pela propagação do evangelho, como direcionamento de uma vida voltada para Jesus Cristo.

A Igreja Assembléia de Deus é uma instituição que além de se preocupar com a parte espiritual dos seus membros e congregados, volta sua atenção para o lado social, tendo em vista o bem estar de todos, buscando Deus em suas orações e procurando desenvolver a prática de evangelização para que a fé possa ser fortalecida em toda a sociedade.

Sua história está vinculada ao município de Pindaí desde o ano de 1984, quando ainda era uma simples congregação, filiada ao campo de Guanambi. Nesse período, a Igreja realizava seus cultos em salões alugados em diversos pontos da cidade, até que em 1988, sob a presidência do missionário Moisés Soares Neto, se desvinculou do campo de Guanambi e passou a funcionar com autonomia, sendo conduzida pelo pastor Moisés, filiado à Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia (CEADEV).

A partir daí passou a funcionar na sala de uma residência emprestada por Alzira Moraes Santana, que era membro da igreja, até que foi iniciada e concluída a construção da sede própria, na Rua Daniel Berg.

O pastor Moisés ficou na presidência da institui-

ção até meados de 1994 e depois dele, atuaram como presidentes os pastores: Otávio, Júlio de Jesus Santos, Cláudio, João Batista dos Reis Leite, Luís Gustavo Pereira Machado, Evaneildo Farias da Silva e atualmente, Edvaldo Santos de Jesus, como dirigente dessa congregação religiosa.

A Assembléia de Deus conta atualmente com 113 membros efetivos e um número considerável de congregados que se preparam para entrar oficialmente. Tem ainda quatro congregações localizadas no interior do município, no povoado de Tanque, distrito de Guirapá, Fazenda Baixa do Mosquito e povoado de Mato Grosso.

A Primeira Igreja Batista em Pindaí é filha da igreja mãe em Urandi, organizada na década de 60, tendo como pioneiros nessa região os senhores Oídio Batista Câmara e Odílio Batista Câmara, ambos do povoado de Sanharó, seguido depois por outros membros. Por essas Igrejas já passaram vários pastores e missionários que procuraram realizar um trabalho de evangelização, meta importante dessa congregação.

Atualmente, com sede própria, essa igreja em Pindaí foi organizada em novembro de 1985. Teve como líder nesse trabalho o pastor Ledir Pinheiro, de Caetitê, seguido pelos pastores Salustiano Silva, Osanias Silva, Jeremias de Souza Brito, Josenilton Barbosa e, atualmente, conta com a presidência do pastor Alexandre Ferreira de Aguiar. Antes deles, por aqui passaram diversos religiosos, como os pastores Antonio Abílio, Edval Tolentino Sodré, Cândido Geraldo da Silva, a missionária Maria dos Anjos da Silva, Maria Leonil Duarte e muitos outros.

É uma organização jurídica, sem fins lucrativos, que tem como objetivo pregar o evangelho em todo o mundo e faz parte de seu estatuto, ter como responsável pelos seus membros, um presidente, um vice-presidente, tesoureiro e uma secretária, devendo o presidente responder pela igreja, respaldado pelos seus membros em assembléias realizadas mensalmente. Nessa oportunidade, todas as programações, eventos, entradas e saídas financeiras e informações básicas são passadas a todos. Quando a igreja está sem pastor, um dos membros, escolhido em sessão ordinária, assume a função de presidente com o aval da maioria.

Essa Igreja conta atualmente com 80 membros e realiza seu trabalho evangelizador através dos seus

diversos departamentos: MCA (Mulheres Cristãs em Ação) UHB (União de Homens Batistas), União de Jovens Batistas, Ministério Infantil, Embaixadores do Rei. Os cultos acontecem geralmente nos dias de quarta-feira e na sexta-feira, ocorre no bairro Alzira Moraes, num ponto de pregação. Aos domingos acontece a EBD (Escola Bíblica Dominical) e à noite o culto com a presença de todos.

Os membros dessa agremiação realizam também serviços sociais, ajudando pessoas carentes e crianças, buscando atender a todos aqueles que precisam de uma palavra ou mesmo de outro tipo de ajuda.

Pindaí é também um município que agrega muitos valores artísticos e grupos que buscam preservar nossa cultura, através de ações voltadas para a organização de eventos marcantes a cada ano. O Grupo de Montaria Asa Branca é responsável pela cavalgada que acontece anualmente na cidade de Pindaí. Por iniciativa de um grupo de amigos, fundaram uma associação, depois reconhecida por lei municipal, estabelecendo a apresentação de cavaleiros no último domingo de abril de cada ano. Com isso, realizaram a primeira grande cavalgada, com 900 participantes, no dia 24 de abril de 2005 e daí para frente, houve crescimento do grupo, em escala crescente, tendo atingido no ano de 2011 a participação de 1200 cavaleiros, incluindo montadores de Pindaí e região circunvizinha. Nesse primeiro evento, fizeram a concentração final no Rancho dos Fernandes; nos anos de 2006 e 2007 no Sítio dos Fernandes e, a partir de 2008, a festa é organizada no Parque Velho Tico. Na oportunidade, um dia antes da apresentação, bandas musicais animam o forró, ocorrendo também a escolha de rainha e princesas que participam do desfile de cavaleiros, todos com camisetas padronizadas, passando pelas principais ruas da cidade, culminando com um churrasco.

Toda a festividade acontece graças aos patrocinadores e com os recursos adquiridos na vendagem de camisetas. Dessa forma, são confeccionadas faixas e financiados os pagamentos dos conjuntos musicais e da carne utilizada no churrasco.

No ano de 2011 a escolha da Rainha da Cavalgada recaiu sobre Bárbara Guanaes, ficando como Princesas Lígia e Maíra.

Os carros de bois foram durante muito tempo utilizados para o deslocamento de pessoas e produtos

da zona rural para a feira da povoação de São João da Gameleira. Visando manter isso vivo na memória do povo, anualmente é organizado um desfile com esse tipo de transporte, pelas principais ruas da cidade. No desenvolvimento dessa atividade, participam mais de cem carros, em dois momentos distintos: Os condutores de Guirapá realizam o evento no primeiro domingo de janeiro de cada ano e os de Pindaí no segundo domingo de fevereiro, sendo que ambos prestam apoio ao evento nas duas localidades. Ao final do desfile, pelas principais ruas, todos se reúnem num almoço de confraternização, num local previamente combinado.

A festa de Reisado ocorria sempre no período que compreende o Natal até o dia seis de janeiro, quando grupos de diversas localidades saíam pelas ruas, passando em todas as casas, munidos de bandeiras e instrumentos musicais, cantando o "Santo Reis". Era muito bonito ouvir o som das gaitas, o toque dos tambores e da sanfona e o sapateado feito pelos reiseiros. Um dos grupos mais conhecidos era formado por Adolfo Batista, na Fazenda Tabua e o grupo de Dino Brito em Guirapá.

Com o passar dos anos essa festa foi ficando escassa na cidade e iniciou-se a organização de grupos para apresentação em Pindaí e Guirapá. Atualmente existe um festival, realizado num único dia, que coloca na praça diversos grupos de reiseiros para escolha da melhor apresentação. A cantoria do Santo Reis, contudo, continua viva ainda em muitas localidades na zona rural, executado por famílias preocupadas em manter a tradição viva, como no caso de Nestor, morador na Fazenda Tabua, que reunido com os filhos, formou um grupo de reiseiros e visita as residências de sua localidade no período de primeiro de janeiro até o dia seis, com culminância da festa nesse dia.

O Reisado de Ciganas foi também muito divulgado em Pindaí, por iniciativa de Sizinia Maria de Jesus, há mais ou menos 50 anos atrás. Para realizar essa festa eram formados grupos de moças que saíam pelas casas vestidas como ciganas, cantando e dançando. Sizinia atualmente está com 93 anos de idade, morando na cidade de Guanambi. Era muito animada, gostava de tocar sanfona nas festas da zona rural, foi a primeira cabeleireira de Pindaí, após ter feito um curso nessa área em São Paulo, mas não deu continuidade na organização de festas porque se sentia toldada pe-

los ciúmes de seu esposo Sizinio. Além disso, o grupo de senhoritas que fazia parte do reisado começou também a se dispersar, com a saída de muitas delas para estudar fora de Pindaí. Essa tradição, contudo, ainda é mantida em Guirapá até os dias atuais, tendo um grupo que faz essa comemoração, liderado pela família de dona Eulina (Menininha).

Em tempos idos, ir a Bom Jesus da Lapa na tradicional romaria anual, constituía, além de um ato de fé, grande sacrifício para os fiéis que aproveitavam da oportunidade para fazer pesadas penitencias ou cumprir promessas, fazendo o percurso a pé, chegando ao Santuário depois de dias e dias de caminhada. Duas dessas caravanas de caminhada ficaram famosas em Pindaí: A 1ª comandada pela professora Dalva Barros da Silva e a 2ª por Ana Moreira Prado, ambas coroadas de sucesso, sem nenhum problema no percurso. Muitos também optavam por fazer esse trajeto de carroça ou carro de bois ou ainda em veículos denominados "caminhões de romeiros". É muito viva a lembrança do velho mercado de Pindaí que servia de hospedagem para pessoas que vinham de Minas e pernoitavam por aqui, nos meses de julho e agosto. Era comum nas noites sem iluminação elétrica, o vento atijando as fogueiras acesas na velha praça, o aroma delicioso da comida borbulhando nos caldeirões ou mesmo latas, o café coado na hora, o choro de crianças, beatas que entoavam o hino a Bom Jesus, redes e colchões espalhados pelo local. Na madrugada, o silêncio da noite era interrompido pelo barulho dos motores ligados e pela voz dos romeiros, cantando, rumo a Bom Jesus da Lapa.

Com o passar dos tempos os caminhões foram substituídos por ônibus, os hábitos mudaram, as viagens ficaram mais confortáveis, apesar de terem perdido aquele sabor de aventura que encantava a muitos... Uma nova forma de fazer romaria surgiu, principalmente no grupo mais jovem. Agora são os motociclistas que fazem o movimento a cada ano, em caravanas enormes com motos, num movimento iniciado no ano de 1997, por um grupo formado por Valmir Fogaça, Zé Barreto, Jorginho, Beto, João Pomba, Toninho Pomba, Sici Fernandes e Elmário Alves. O fato de assistirem a cada ano a passagem de motociclistas da cidade de Taiobeiras em Minas Gerais por aqui, em caravana de motos a Bom Jesus da Lapa, motivou a organização também em Pindaí de grupo

de pessoas dispostas a fazer o mesmo percurso no mês de setembro de cada ano, com os mesmos objetivos, no caso, visitar o Santuário, chegando num sábado, assistindo a missa das 6 horas no dia seguinte, organizando churrasco e feijoada à beira do rio, passeios de barcos e futebol de areia. Fizeram a primeira viagem e daí a comitiva foi aumentando, ano após ano. O pessoal envolvido adquire uma camiseta padronizada, segue em caravana para o destino, apoiado por um carro com reboque, para atendimento e socorro no caso de necessidade, levando também água e alimentos. Muitos acampam na margem do Rio São Francisco e tantos outros ficam hospedados em hotéis previamente reservados. Na volta, o grupo se desfaz, após a participação na missa dominical na Igreja São João Batista em Pindaí.

No campo musical temos formadas duplas e bandas que vem se destacando no âmbito local e regional, como: Zelito do Acordeon e Banda Chamego, Sérgio dos Teclados, Luís de Chicão e Família do Forró, Gercino, Regis e Zezé, Toniel Santos e Zé Luís e Companhia (Guirapá). Por ocasião das festividades promovidas pela Prefeitura Municipal no mês de junho, eles são convidados a dividir o palco instalado na Praça Genebaldo Correia com outros artistas contratados e aparecem como "Valores da Terra".

O grupo musical **Zelito do Acordeon e Banda Chamego** foi criado no ano de 2008 e é formado atualmente por Zelito (acordeon), Toninho (teclado), Almir (guitarra), Charles (zabumbeiro), Vagner (vocalista) e Jaciara (vocalista). Antes disso, Zelito Fernandes já atuava na área musical há mais de 25 anos, tocando em festas na sede e na zona rural, estendendo seu trabalho para outras regiões, inclusive na cidade de Louveira em São Paulo e Norte de Minas Gerais. Formou primeiramente uma banda denominada Zelito e Cia. formada por Zelito (acordeon), Uelton Nogueira (teclado) e Marta Ferreira (vocalista). Aproveitando o gosto do pessoal pelo forró, construiu um espaço específico para tal fim, o Arralá do Arrastapé, homenageado com o nome do seu pai, Jorge Fernandes dos Santos - Rhur Fernandes, no ano de 2002. No local são organizadas festas e shows, tendo marcado presença no local cantores como Edmilson Batista, Robério dos Teclados, Pepe Moreno, Sandro Matos, Wesley dos Teclados, Banda Amor de Novela, o seresteiro Figueredo e a du-

pla Two Brothers, formada pelos pindaienses Norberto e Deraldo Borges.

Carlos Sérgio de Souza, conhecido **Sérgio dos Teclados**, sempre nutriu grande amor e afinidade pela música. Sua paixão inicial foi pela guitarra e depois o violão. Porém, sentindo dificuldade em organizar uma banda que pudesse ser completa com esses instrumentos, adquiriu um teclado e dedicou-se a ele, aprendendo a tocar e iniciando a partir daí, no ano de 2000, uma trajetória de sucessos como "Sérgio dos Teclados". Formou dupla com Júnior, Zezé e Régis, animando festinhas em Pindaí (sede) e zona rural. Depois de fixar seu nome e ficar conhecido no campo musical como forrozeiro, adquiriu um caminhão, que além de conduzir seus equipamentos musicais, serve de palco para qualquer lugar que precise tocar ao ar livre. Atualmente, Sérgio participa de sua banda musical como vocalista, tendo Uelton Nogueira como tecladista e Joaquim como guitarrista e está expandindo cada vez mais sua atuação pelo Sudoeste da Bahia, até o Norte de Minas e no final de agosto vai se apresentar na cidade de Valinhos, estado de São Paulo.

A **Banda Luís de Chicão e Família do Forró** surgiu no ano de 1982, tendo Chicão na zabumba e seus filhos, Luís na sanfona, Bendito no pandeiro e Wilson no triângulo, tocando o original forró pé de serra. Surgiram depois novos integrantes, como Salvador na bateria, Uelton na guitarra e a dupla Vivaldo e Joaquim atuando como vocais. Muitos outros passaram pela banda, como Aparecido, Tiãozinho, Zezão, Toninho, João, Mirá, Salvador Santana, Sérgio, Aldir, Zé Carlos, Raimundo, Toquinho, Zinho e Dinho.

Esse grupo musical idealizado por Francisco José Ramos (Chicão), foi praticamente o primeiro a se organizar no município, seguindo o estilo voltado para o forró. Como seus integrantes são pessoas da mesma família, continua se mantendo com organização, mesmo depois da lacuna provocada pela morte de Chicão no dia 02 de março de 2006.

Atualmente, são utilizados como instrumentos uma sanfona, tocada por Luís de Chicão e um teclado que é revezado entre seus quatro filhos, Cristiano, Claudinei, Cláudiovana e o mais novo tecladista, com apenas 11 anos de idade, Claudeni. Todos são também vocais na banda.

É com muito carinho e responsabilidade que pro-

curam manter o grupo unido, como forma de prestar uma homenagem ao pai e avô, que em vida desenvolveu esse trabalho com entusiasmo, procurando manter a união familiar em torno de um projeto que valorizava e que promoveu muitos momentos de alegria nas festas de Pindaí e região!

Zé Luís e Companhia surgiu no ano de 2001 no distrito de Guirapá, tendo como instrumentos um teclado e uma guitarra que faziam a animação dos forros na região e em Mutans e Morrinhos (em Guanambi). Atualmente somente tem acompanhamento de teclado, mas continua tocando nos mesmos lugares com Zé Luís (teclado) e os vocalistas Viviane e José Homero.

O mês de junho chega sempre com muita alegria para o povo, por representar o período festivo, tanto no aspecto religioso, com a realização da festa do Padroeiro São João Batista, sob a responsabilidade da Paróquia São João Batista, como pelas festividades promovidas pela Prefeitura Municipal de Pindaí com duração de uma semana. Além disso, pindaíenses ausentes escolhem esse período para visitar a cidade e rever parentes e amigos, fato que concorre para maior brilhantismo da ocasião.

No início era muito diferente a forma como ocorriam as festas do mês de junho. Na antiga povoação de São João da Gameleira, em fins do século XIX e início do século XX, eram poucas as casas e os habitantes da localidade. Dentre os moradores havia uma senhora conhecida como Livia Ribeiro, esposa de um conhecido fazendeiro da região, chamado de Júlio Ribeiro, um dos primeiros moradores da povoação - sua casa foi a mesma onde funcionou por muito tempo a Delegacia de Polícia de Pindaí. Conta a tradição que essa senhora fez uma promessa para São João Batista e, após o recebimento da graça, como gratidão, ela doou uma área de mais ou menos dois hectares de suas terras para a construção de uma capela em homenagem ao santo. A imagem, feita de madeira policromada do século XVIII para o altar da humilde capela, foi encomendada e trazida da cidade de Nossa Senhora do Livramento, segundo informações, por escravos e foi a partir da construção dessa capela, que se iniciou a tradição do festejo a São João, que se tornou, com o decorrer do tempo, o padroeiro da localidade. Infelizmente essa imagem foi roubada em Pindaí e, mes-

mo tendo se passado muitos anos, não tivemos nenhuma notícia de seu paradeiro.

A festa ao padroeiro, diferente da forma como se configura atualmente, era voltada somente para o religioso. Os nove dias de festa celebrados antigamente, contava com a participação e o empenho dos fiéis, que tudo organizavam como forma de fidelidade ao santo. Tanto as missas, novenas, ofícios, como também a festividade que ocorria ao lado da capela, os leilões, as procissões, eram frutos da disponibilidade de alguns moradores da povoação e do campo, seja na organização e participação ou na doação de donativos com a finalidade de arrecadar fundos para a igreja. Dessa forma, a celebração era mais aconchegante, pois os habitantes da pequena vila se mostravam mais próximos uns dos outros. Era o momento de visitar o compadre e a comadre, de desfrutar momentos agradáveis de conversa, de saltar a fogueira, de observar e curtir o sanfoneiro, das pessoas dançarem, de arrematar leilões, enfim, o espírito religioso circuncidava todas as atitudes dos devotos de São João.

A parte social acontecia apenas ao lado da igreja. Nesse espaço, eram feitas algumas barraquinhas de palha, onde se ofereciam além dos pratos típicos, os leilões que eram vendidos para arrecadar fundos para a igreja, para uma possível reforma do templo ou outra qualquer necessidade. Nos leilões eram encontrados frangos, porcos e carneiros assados, além de bebidas, verduras, frutas, cachos de cocos, doações em dinheiro e até bois, ofertados pelos fiéis.

Uma dificuldade encontrada naquela época era o fato da povoação não possuir um padre residente, fato possível, somente bem mais tarde, com a chegada de padre Liberato. Inicialmente o pároco aparecia na época da festa e sua presença representava, além de muita alegria para os católicos, a oportunidade da realização de casamentos e batizados. Assim, era comum no dia vinte e quatro de junho, após a procissão, grande movimentação na frente da igreja, onde se formavam grandes círculos de crianças para o batismo e noivos para o casamento. Nas proximidades ficavam de plantão fotógrafos para o registro daqueles momentos.

Como São João da Gameleira não possuía ruas calçadas, nem energia elétrica, para a iluminação da festa eram utilizados lampiões de querosene, óleo ou azeite, que clareavam também as ruas, decoradas

com palhas em forma de um corredor, para servir de passagem para o desfile do Santo Padroeiro no dia da procissão. E assim, acontecia a festa junina nessa pequena comunidade, todos os anos, tendo na abertura uma alvorada na madrugada do dia quinze de junho, com a participação do sanfoneiro, muitos fogos de artifício e animação dos devotos.

Com o passar dos anos, a organização da festa ficou restrita a um grupo de pessoas, conhecidas na época como festeiros. Essa equipe era representada por uma família, com forte vínculo com a igreja, e tinha a responsabilidade de preparar a festa, conseguir os donativos para os leilões, o tocador (sanfoneiro), uma casa para receber o padre, preparar as novenas, enfim, essas pessoas eram incumbidas para que tudo naqueles dias ocorresse com êxito. No dia 24 de junho, após a missa do padroeiro e da procissão pelas ruas da cidade, os responsáveis pelos festejos naquele ano, passava uma bandeira para outra família, simbolizando nesse ato, a responsabilidade de organizar a festa no próximo ano. Essa tradição perdurou por muitos anos, mas gradativamente a responsabilidade foi sendo delegada a outras pessoas, até que foram definitivamente entregues às Pastorais da Igreja.

Por outro lado, a partir do final da década de 80, a Prefeitura Municipal incorporou no seu calendário festivo a comemoração da Festa de São João. No ano de 1989 pela primeira vez, a festividade ocorreu na Praça da Feira Velha (atual Luís Eduardo Magalhães) e, a partir do ano de 1991, com a construção da Praça Genebaldo Correia, as festas foram transferidas para aquele local, onde permanecem até os dias atuais.

Complementando a alegria dos festejos juninos surgiu no ano de 1999 o bloco denominado Borjada

& Cia, cujos componentes são da Família Borges e de pessoas que se uniram a eles, além de amigos próximos. A festa é sempre durante o dia, precedida de uma benção na Igreja Matriz, seguida de muita música, churrascos e comidas típicas, além da tradicional quadrilha. Todos usam uma camiseta padronizada e, a cada ano, mais pessoas se agregam a essa família na comemoração, que até hino próprio foi criado, com letra e música de Wilson Borges: "Só Freud explica a analogia/ Dessa alegoria constante nesse brasão/ Que na Borjada & Cia, loucura e sabedoria/ Vem de antiga tradição / Esse grupo altaneiro, quer louvar seu padroeiro/ Com fé e devoção / E unido aos festeiros / Dar seu grito alvissareiro/ De viva São João!! Oh! Meu São João Batista / Não quero ser egoísta / Em lhe pedir proteção / Para toda essa família / Nesse dia de alegria/ Em sua comemoração".

O Bloco dos Oropas chegou também para incrementar maior animação na festa junina. Surgiu por iniciativa de um grupo de amigos e, a partir de 2007, ficou sob a responsabilidade de Neto Borges que organiza a festa com camisetas, trio elétrico, bandas musicais e desfile pelas principais ruas da cidade, com muita animação!

Ao completar 50 anos de emancipação política, o município é ainda jovem e tende a crescer. É por essa razão, que mais um aniversário, marca de forma decisiva, a esperança de prosperidade, com avanços significativos em toda sua área de abrangência.

Neste ano do cinquentenário, Pindaí é governado pelo prefeito Lourivaldo da Cruz Teixeira. Temos consciência de que somos ainda um município que tem muito a conquistar, mas acreditamos que a força do nosso povo será eternamente um baluarte de grandes conquistas.



Festa de São João da Escola Ana Angélica em 1984 e a 1ª Borjada & Cia, no ano de 1999



RAIZES



*Juca Borges,
Antônio,
Hermógenes,
Miguel Aranha e
Calmito*



*Otacílio Borges
de Carvalho*



*Família de
Jerônimo Alves*

*Joaquim
Borges de
Carvalho e sua
segunda esposa
Sinhazinha*



APRESENTAÇÃO

ROSA DIAS GODRIM*

Conhecer a história dos nossos antepassados é fundamental para entendermos nossa própria história.

Acredito que outros pindaienses, assim como eu, sempre tiveram curiosidades sobre as nossas origens e sempre quiseram saber além do que havia nos poucos registros.

Através dessa obra, que traz um pouco de história e um pouco de poesia, no sentido daquilo que brota da alma, Lia Borges, com a propriedade de educadora e conhecedora do nosso povo, cumpre a tarefa de resgatar as nossas origens, num registro certamente fiel daquilo que sempre ouvimos dos mais velhos, mas que corria o risco de ser "levado pelo vento... ou pelo tempo". Agora, podemos dizer que o registro de nossa história aprofundou suas raízes.

Com esse livro, Lia relembra fatos ou evidencia outros que, por certo, poucos de nós tínhamos o privilégio de conhecer. Podemos perceber que a história de Pindaí se mescla com a história do Brasil, como no relato sobre a coluna Prestes (os chamados "revoltosos"), na visão daqueles que, de alguma forma, conviveram com aquela situação.

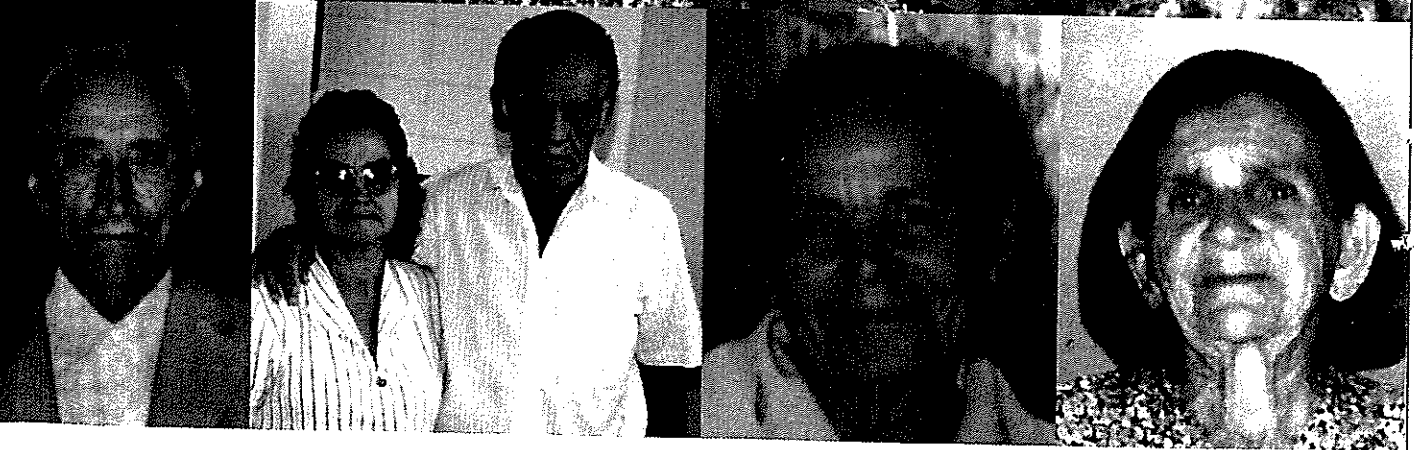
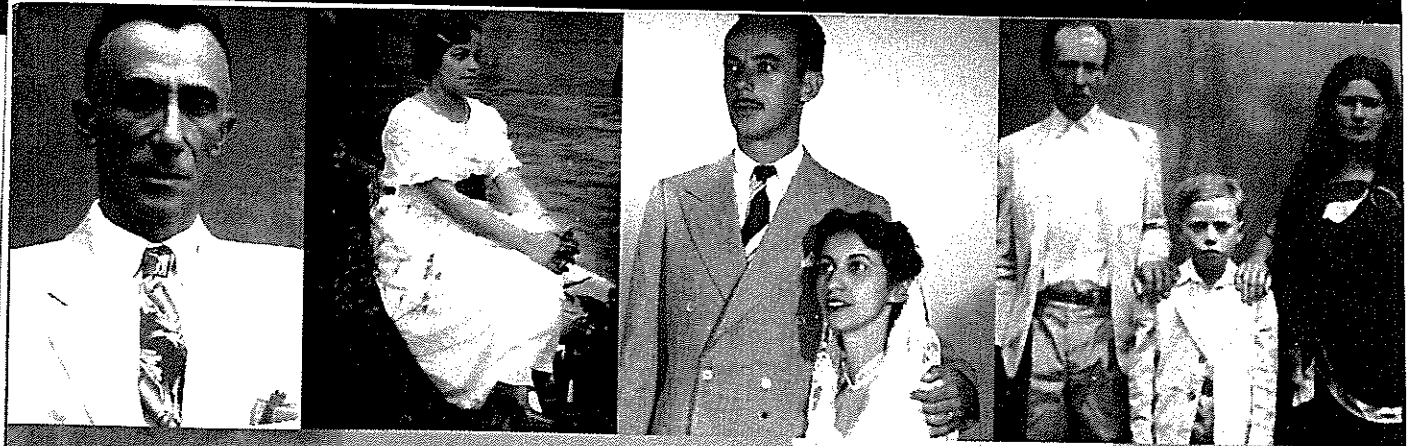
Fala de um tempo de outrora, que se encontra com o tempo presente, como os festejos juninos e a folia de Reis, que transcendem a religiosidade, fazendo parte de nossa cultura e de nossos costumes. Mesmo que as tradições vão se modificando, algumas permanecem firmes, fortalecendo a identidade de nosso povo. E o crepitar das fogueiras que ainda são acesas, no mês de junho, onde quer que estejamos, tem o poder de nos transportar para nossa querida Pindaí.

E para quem conviveu com a folia de Reis, certamente, a referência ao som das gaitas e tambores faz ressurgir recordações da infância, onde na alvorada do dia, rimas antigas ou improvisadas eram cantadas para homenagear a família dos donos da casa, em reconhecimento à hospitalidade dispensada aos "reiseiros".

Essa obra, mais que isso, traz à lembrança pessoas muito importantes na formação de nossa gente, ligadas a nós por laços de sangue ou de sentimento e cuja memória será, enfim, preservada.

**Rosa Dias Godrim*

Juíza do Trabalho – TRT 3ª Região - MG





*A feira
no velho
barracão de
São João da
Gameleira*

“Meu sonho é que os frutos da geração dos nossos antepassados e da geração que ora representamos cresçam com raízes profundas, de tal forma que possam retirar energia das melhores fontes, nos lugares mais remotos, desenvolvendo também raízes fortes e profundas, de modo que se as tempestades chegarem e os ventos soprarem, possam resistir bravamente, ao invés de serem subjugados e varridos para longe”

Lia Borges

NARRANDO FATOS

Muitas famílias representaram raízes na formação da povoação de São João da Gameleira, elevada a distrito e depois município. Considerando que temos uma história sem registros escritos, muitas vezes conhecida apenas por relatos de pessoas mais velhas, procuramos resumir as informações que passamos a apresentar: O nome Gameleira, por exemplo, foi devido a existência de muitas árvores com essa denominação que aparecem nos arredores da povoação. O acréscimo do nome de São João, foi devido ao costume da época de se acrescentar às denominações das localidades, o nome do santo padroeiro. No nosso caso, já existia por volta do ano de 1900 uma capela de São João Batista, onde temos hoje a edificação da Igreja Matriz.

O Rio de Contendas, que originou o nome Pindaí, resume-se infelizmente na atualidade a pequenas poças de água, vítima de uma nascente desmatada e agredida pela ação humana, além de ter como agravante a escassez cada vez maior de chuvas. Na época de sua pujança, quando suas águas corriam fartamente entre as pedras, eram comuns passeios ao local para piqueniques, banhos e churrascos e mulheres que saíam de Pindaí e regiões circundantes com trouxas de roupas que eram levadas para serem lavadas. Era muito frequente a formação desses grupos de lavadeiras que saíam daqui à tarde, na véspera do trabalho e, em Contendas, faziam pernoite na casa de Domingos Batista, onde as roupas viravam colchões espalhados pela sala, casos eram contados, café distribuído com o bolo que era levado e, na madrugada, era a hora de iniciar o labor. Era um período de animação, pelo convívio entre os participantes. Enormes cordões eram esticados para secagem das roupas e ao meio dia, o cheiro das comidas feitas sobre trempes de pedras na beira do rio, trazia para o local o aroma

gostoso das carnes assadas nas brasas. O trabalho era muito associado ao prazer de um passeio e ao convívio sadio entre as pessoas!

O povoado de São João da Gameleira teve suas primeiras casas edificadas próximas à feira que funcionava num velho barracão - hoje Praça Luís Eduardo Magalhães e, um dos seus primeiros moradores, foi Júlio Ribeiro, que depois se mudou, vendendo a casa em que morava com sua família para Manoel Borges de Carvalho, comerciante, dono da loja de tecidos denominada Nova Esperança, tendo ao lado da residência, além da loja, um grande depósito, com máquina de descarregar algodão, denominada Manjar, de onde saíam em grandes fardos, plumas de algodão que eram vendidos para centros como Salvador e Belo Horizonte. Além da família de Manoel Borges, moravam nas adjacências da feira, Damião Mendes, dono de casa comercial, Joaquim Mendes da Luz, casado com Flaviana Leonídia, também comerciante, Levino Mendes da Luz, casado com Felinta da Luz, Francisca Rocha, dona da primeira pensão da localidade, posta a funcionar por volta da década de 20, grande devota e frequentadora da capela de São João Batista.

Nesse período, o Brasil passava por problemas de ordem política, com diversas revoltas e perseguição aos comunistas. A Coluna Prestes deveria passar pela região nos primeiros dias do mês de abril de 1926, fato que foi evitado, porque um telegrafista da cidade de Caetité, José Troyano de Freitas, comunicou em mensagem enviada para Caculé, no dia nove de abril, a chegada de dr. Mário Spínola Teixeira, prefeito de Guanambi, com duzentos homens armados para o combate. A notícia foi falsa, mas concorreu para que os Revoltosos, como eram chamados, desviassem a rota de Caetité, Guanambi e Gentio (atualmente Ceraíma) e seguissem o caminho por outras trilhas, tomando o rumo do Norte de Minas. Encontramos o registro de um telegrama enviado ao coronel Ângelo Silva, na obra de Lourenço Moreira Lima, intitulada "A Coluna Prestes Marchas e Combates" que dizia: "*Aqui cheguei dezenove horas vindo fazer reconhecimento esta Vila achando guarnecida com cem homens Doutor Mario Teixeira pt 35 rebeldes depredaram Gameleira dia quinze dizendo seguirem Duas Barras pt. Coronel Volney chegou àquele arraial quatro horas dezesseis retirada mesmos rebeldes pt. Gameleira dis-*

ta daqui três léguas pt. Efetivo força Tenente Archias subiu para cento e trinta homens. Respeitosas saudações. Sargento Manoel Menezes. Comandante Patrulha. Guanambi, 20 horas de 17.04.1926."

Foi nesse período que passaram pela povoação de São João da Gameleira. Nessa fase, o medo tomou conta da população e todos temiam a chegada desses homens. Os legalistas, representando a ordem, foram piores do que os perseguidos e contabilizando o apoio do Governo Federal, abusaram de todas as maneiras dos indefesos sertanejos, praticando na passagem pelos pequenos povoados todos os tipos de contravenções possíveis, resultando em estupro, roubos de mantimentos e de animais, utilizando os mesmos procedimentos usados pelos comunistas. Aos legalistas são atribuídos os piores momentos da história, contra a população civil dos sertões e foram considerados por muitos, como os verdadeiros "cangaceiros", violentos e de maus costumes. A passagem deles por São João da Gameleira trouxe medo, pavor e concorreu para que muitas famílias saíssem de suas casas para esconderijos no mato. Segundo relatos orais de pessoas mais antigas, alguns fatos ficaram fortemente registrados na mente de quem viveu o terror daqueles dias.

No ano de 1926, Benigna Maria da Conceição, moradora da Fazenda Pau Ferro, resolveu ir à Caetité cumprir uma promessa feita a Senhora Santana. Saiu do Povoado de São João da Gameleira, juntamente com Roseno e Arlinda, moradores do Ararique. Chegando ao destino, foram recebidos na entrada da cidade por um capataz do Coronel Ladeia que perguntou quem eram eles e o que estavam fazendo na localidade, pois a cidade estava fechada devido a iminência da chegada dos revoltosos. Benigna informou que não sabiam de nada e que seu objetivo era pagar uma promessa na igreja de Senhora Santana. O homem então lhe disse que teria somente meia hora para fazer isso. Seguiram então os três para a Igreja Matriz que estava fechada e a cidade completamente deserta, sem ninguém nas ruas. A promessa foi cumprida na porta do templo. Quando retornaram, depararam na entrada com muitos homens armados e recomendaram que pernoitassem por lá mesmo, porque seria perigoso viajar. Poderiam ajudar as mulheres na preparação de alimentos e viajar no dia seguinte. Assim fizeram e foram advertidos para avisar às pes-

soas para que ficassem atentas: esconder animais e bens, dinheiro e jóias, selas de animais em bom estado de uso e muito cuidado com as mulheres porque corriam também o risco de estupro.

Quando voltaram para casa, contaram o que viram e ouviram, mas nem todos acreditaram. Os revoltosos chegaram, poucos dias depois ao Povoado de São João da Gameleira.

Conta-se que na passagem deles por essas paragens, dividiram-se em três grupos, seguindo para Umburanas (hoje Guirapá), Mato Grosso e Pau Ferro, chegando depois na povoação e daqui, seguindo para outras localidades rurais. Em Umburanas foi organizada uma resistência contra eles, liderada por Clemente Alves Farias que era homem de projeção na localidade e por José Rio Branco que era o Escrivão do Cartório Civil. Na oportunidade, o povo foi convidado para se deslocar para a Fazenda Lapa, com o objetivo de fazer a resistência. Estrategicamente posicionados, mataram três revoltosos e queimaram seus corpos. Com isso, os invasores recuaram e vieram para São João da Gameleira, passando pela Tabua e adjacências, deixando marcas de verdadeiro terror por onde passavam! Segundo relatos de moradores mais antigos, depois desse episódio, Clemente Alves foi morar em São Paulo com sua família. Isso porque estava sendo procurado, com seu nome escrito até em caixinhas de fósforo. Num determinado dia, estava sentado com amigos, jogando cartas e um estranho chegou perguntando se conheciam um tal de Clemente. Desconfiados, responderam que não sabiam quem era essa pessoa. Isso foi suficiente para que ele entendesse que estavam a sua procura para vingar a morte dos jagunços.

No Pau Ferro, os revoltosos chegaram até a casa de Pedro Pereira da Silva, homem de bons recursos que morava num casarão antigo e bem apresentável. Ele conseguiu salvar alguns pertences porque fora avisado da chegada dos bagunceiros e pode esconder burros e porcos gordos, em terrenos de difícil acesso. Na proximidade do curral, enterrou ouro e patações de prata, mas acabou perdendo esses metais preciosos porque não conseguiu encontrar o lugar que enterrara essa fortuna. A mesma sorte não teve sua esposa, Ana Maria da Conceição, que teve levado seu ouro e prata, além de ter sua residência invadida por homens portando armas de fogo que quebra-

ram portas e pegaram o que encontravam pela frente, inclusive alimentos. Não satisfeitos, cortaram sacos de cereais e misturaram e destruíram muitos objetos que eram lançados ao chão à procura de mais ouro e prata. Até rolos de toucinho armazenados na despensa foram abertos para verificarem o que tinha dentro deles! O desespero foi muito forte, com mulheres correndo, num período de muita chuva e até deixando para trás crianças que não conseguiam acompanhar a rapidez como corriam!

Pedro Pereira foi praticamente sequestrado e intimado a trazer esses revoltosos para a sede do Povoado de São João da Gameleira. Ele foi colocado à frente do grupo a pé e os jagunços, usando montaria, seguiam seus passos. Aqui chegando, ficaram debaixo de um cajueiro que existia na frente da pensão de dona Chiquinha. Exatamente nesse momento, passou na frente desse pessoal, todo apressado, um senhor chamado Martiniano, morador antigo da Lagoa de Dominginho que veio buscar um remédio no povoado para a filha doente. Um dos revoltosos o chamou e ordenou que pegasse um porco que passava pela rua. Ele respondeu que não podia fazer isso porque não tinha tempo, pois tinha que socorrer sua filha doente e também porque o animal pertencia a Damião Mendes, homem muito temido na povoação. Não gostando da resposta recebida para a ordem dada, um dos jagunços laçou o homem e o amarrou no cajueiro, tirando da bainha um punhal muito grande. Pedro Pereira resolveu interceder, pedindo para não fazer nada com aquela pessoa, que inclusive era seu afilhado. Isso gerou a maior galhofa e outro bagunceiro sugeriu, depois de muitas gargalhadas, que tirassem a roupa daquele cidadão e que ele recebesse uma surra para aprender a obedecer. Ato contínuo, a roupa de Martiniano foi tirada, um laço foi dobrado e sem piedade bateram no pobre coitado, que depois de solto, saiu completamente nu, correndo desesperadamente rumo a sua casa, deixando para trás as roupas e o medicamento que viera comprar para a filha.

Na sede do Povoado de São João da Gameleira, eles estiveram em muitas casas, com o mesmo comportamento, principalmente onde encontraram resistência. Foi assim que saquearam a loja de Damião Mendes, levando mercadorias e comida e chegaram à casa de Joaquim Mendes e Flaviana Mendes que estava sendo construída e queimaram muita

madeira, transformada em brasas para assar carne. Estiveram também na casa do coronel Neca (Manoel Borges de Carvalho), mas como foram bem recebidos, sendo colocada à disposição deles a despensa onde os alimentos eram guardados em grandes tonéis, para pegarem o que quisessem e dinheiro foi entregue a eles espontaneamente, não fizeram nada de mal para a família.

João Mendes, irmão de Joaquim, Damião e Leivino Mendes, morador da Fazenda Sapé tinha um cavalo de estimação, do qual cuidava como se fosse uma pessoa especial. Era um animal gordo, bem cuidado, que ele montava para vir ao povoado, nos dias de sábado. Tomando conhecimento da presença dos revoltosos, resolveu esconder sua preciosidade chegando até a feira a pé. Quando voltou para casa, grande foi sua surpresa, ao ver seu amado cavalo com as orelhas dilaceradas e a cauda completamente cortada e sem a cela. Sua tristeza foi imensa e o levou a ficar doente, não demorando em morrer.

Seguindo para a região de Feliciania, passaram antes pela Colher e chegaram à residência de Joaquim Borges de Carvalho, que tinha uma loja no local. No momento encontrava-se presente somente ele e dois filhos, Jerônimo Borges e Juca Borges. Levaram cobertores, tecidos e alimentos e exigiram que preparassem café com requeijão para servir a eles. Saíram sem maior agressividade. Já José Borges de Carvalho, irmão de Joaquim Borges, resolveu fugir com sua família para o morro do Capitão, tão logo soube da proximidade dos revoltosos. Com ele saíram sua esposa, Benedita Ferreira de Carvalho, o casal Joaquim José de Matos e Francisca Ferreira de Matos, com os filhos Dalira, Jerônimo e Durvalina, além de Belmiro Borges. Fecharam suas casas e no morro fizeram um acampamento debaixo de uma árvore, permanecendo no local por dois dias, sem condições de acender um fogo para não chamar a atenção e comendo somente o que conseguiram levar pronto. A dormida foi em cima de cobertores estendidos no chão e o silêncio tinha que ser mantido para evitar a descoberta de qualquer pista por parte dos revoltosos.

Quando os invasores chegaram a Feliciania e viram as casas fechadas, cuidaram de roubar tudo o que estivesse à vista, levando alimentos, peças de valor e cinco cavalos. Revoltados por não encontrar ninguém, foram embora, mas antes mataram um porco gordo

e o deixaram no quintal intacto, abriram a portinhola que fechava o chiqueiro, escancararam as portas da casa de José Borges e, quando a família retornou, encontrou a casa completamente tomada pelos animais que rasgaram e fuçaram sacos de alimentos, além da destruição de móveis e roupas.

O período de ocupação pelos revoltosos representou um verdadeiro inferno para a população! Quem foi atacado sofreu os malefícios oriundos do terror que espalhavam; quem teve a sorte de não ser perturbado por eles, sofria com o medo de a qualquer momento ser atacado.

Olídio Batista, antigo morador do Sanharó, narrava alguns versos que tranquilamente podem fazer parte da Literatura de Cordel, criado para retratar o que representou essa fase na vida de nossa população:

*"Chegaram os revoltosos no largo de Sanharó,
Pegou toda a criação e escolheram a melhor,
Deixou couro, osso e fato
E comeram a carne só.*

*A coisa piorou, quando chegou ao Figura
E muita gente desejou um ano de sepultura.
Olha galo pra não cantar e cachorro pra não latir
Cochicho no pé do ouvido,
Pro revoltoso não ouvir.
Macambira era lençol,
Colchão era fedegoso.
O povo doido no mato,
Com medo dos revoltosos".*

Um fato interessado foi narrado por uma neta de dona Chiquinha, relacionado a essa época, quando contou que pessoas estranhas ficaram hospedadas na pensão. Eram homens esquisitos e calados, com aparência de gente desconfiada. Passados tempos, alguém viu a foto de Luís Carlos Prestes num jornal e de imediato disse: "Mas esse senhor não é o mesmo que esteve na casa de dona Chiquinha"? Prestes na realidade, andou por essa região, conforme relatos históricos e presume-se que tenha sido exatamente ele o hóspede famoso de dona Francisca!

Depois de dona Chiquinha, surgiu a pensão de dona Mariquinha, denominada Hotel Pereira, que na realidade deu continuidade ao empreendimento de sua irmã Dudu que resolveu colocar o negócio na ci-

dade de Urandi. Com uma simpatia aconchegante, dona Mariquinha era a responsável pela hospedagem de quem chegava a Pindaí, inclusive as primeiras professoras que vieram de Caetité, comerciantes, caminhoneiros, estudantes do Projeto Rondon e fornecia a quem procurasse, bolos deliciosos e uma comida saborosa que cheirava longe!

Ana Angélica Fagundes veio de Caetité e foi a primeira funcionária dos correios na povoação. Chegou por aqui, juntamente com seu filho Liberato, primeiro pároco da povoação, um homem rigoroso quando se tratava das coisas de Deus, caridoso e que foi dono do primeiro carro que chegou a São João da Gameleira, diretamente de São Paulo, um Ford ano 1929. Seu trabalho abrangia também localidades próximas a povoação e seu deslocamento era feito utilizando o cavalo como meio de transporte. Um fato interessante ocorria nessas viagens: Para poupar o animal, desci sempre que tinha uma ladeira e o puxava pela rédea até alcançar um lugar plano. Dizia que Deus não queria que os animais sofressem e demonstrava sempre, em suas atitudes, enorme sensibilidade no trato com as pessoas e com os animais.

Segundo narrativa de Manoel Lisboa, antigo morador da Fazenda Pau Ferro, lavrador e católico fervoroso, quando padre Liberato iniciou sua missão como pároco no Povoado de São João da Gameleira, ficou completamente indignado quando o terreno localizado em frente à capela de São João Batista foi ocupado pela construção de uma casa de propriedade do sr. Tideca. Tentou barrar a construção, mas foi impossível, porque essa tinha sido autorizada pelo coronel Joaquim Ribeiro, chefe político de Urandi, a quem pertencia a povoação de São João da Gameleira. Essa casa por sinal, foi posteriormente demolida e reconstruída por Eusébio Borges, passando por diversos donos e pertencendo atualmente a família de Joaquim Feliz dos Santos.

Padre Liberato ficou muito triste, porque não entendia como poderíamos ter uma Igreja sem praça e tentou construir novo templo na Praça do Mercado Velho (atual Luís Eduardo), chegando a iniciar a obra, erguendo a base, que não foi à frente porque faltaram recursos financeiros.

As atitudes de padre Liberato eram voltadas para a firmeza de ações e caridade para com os mais necessitados. Certa vez estava na porta de sua casa

com sua mãe e por eles passaram cinco homens estranhos e completamente encharcados. Perguntou o que tinha acontecido e disseram que tinham tomado muita chuva. Foram convidados a entrar, tomar banho, vestiram roupas secas de seu guarda roupa e receberam alimentação e hospedagem por uma noite. Em outra ocasião, no ano de 1939, período castigado pela fome, estava sentado à mesa com um prato de comida e chegaram duas pessoas pedindo o que comer. Imediatamente ele pegou dois pratos e repartiu o que estava comendo para as duas pessoas. Sua mãe, admirada, perguntou como ia ficar sem comer, porque não tinha mais nada pronto em casa e ele respondeu que não morreria por ficar um único dia sem alimentação. Nisso entrou uma senhora e deu a Vó Jeca um saco com coco, dizendo que era uma delícia depois de cozido! Com espirituosidade e simpatia padre Liberato olhou para a mãe e disse: "Problema resolvido! Já tenho o que comer".

Com Vó Jeca, como carinhosamente era chamada a bondosa Ana Angélica, veio também sua filha Antônia Silveira que atuou como professora leiga e que depois a substituiu nos correios e suas filhas professoras, Terezinha Silveira Carvalho e Maria Angelita Silveira Santos que se formaram na Escola Normal em Caetité e se tornaram, junto a outras normalistas que vieram depois, as primeiras mestras formadas em São João da Gameleira.

Outras famílias se agregaram a localidade com o passar dos tempos, como o casal Gasparino e Anália, Antônio e Alice, Adão Borges e Gercina, Sula e Odete Dourado, Antônio Rodrigues Pinto, casado com Dona Docha, Juvenal Aranha e Celina Caíres Aranha, Epaminondas Araújo com Sinvalina de Freitas, Elgino Porto com Laurinda Nogueira, dentre outros. Um grande depósito, com escritório, foi edificado também na praça da feira para dar suporte a compra de algodão que movimentava a usina de beneficiamento de algodão de propriedade de Juca Borges, na década de 40 e as casas onde passaram a morar os familiares de Jerônimo Borges, Juca Borges e Gerson Borges foram construídas na década de 1920, para garantir que as irmãs Mariana, Edith e Stela ficassem morando proximamente, por decisão de Manoel Borges que também quis que as filhas se casassem com primos para garantir a harmonia familiar. Segundo ele, "Um não podia falar mal do outro, senão estaria fa-

lando da própria família". O coronel Neca, como era conhecido Manoel Borges, foi um homem de muitos conhecimentos práticos e, mesmo tendo ficado cego num determinado estágio de vida, continuou com seu comércio, conhecia as cédulas e moedas pelo tato, pessoas pelos passos e pela voz e detinha na povoação um posto de grande autoridade pelo conhecimento com as pessoas e pela tramitação nos grandes centros, como Salvador e Belo Horizonte, onde ia esporadicamente fazer compras e outros negócios. Sua casa era também passagem obrigatória de pessoas que vinham a São João da Gameleira, como autoridades, médicos, juizes e mesmo comerciantes de outros centros. Manoel Borges era casado com Clemência Ribeiro de Carvalho, tendo como filhos: Size nando Borges de Carvalho, Eusébio Borges de Carvalho, Mariana Ribeiro de Carvalho (que foi casada com Jerônimo Borges), Edith Ribeiro de Carvalho, Otacilio Borges de Carvalho, Dalva Ribeiro de Carvalho, Raul Borges de Carvalho, Júlio Borges de Carvalho, Édson Borges de Carvalho e Stela Dalva de Carvalho. Tinha grande preocupação com a educação dos filhos, para os quais pagava professores particulares, reservando também estudos na cidade de Montes Claros para os filhos mais jovens. Naquela época, era muito difícil o deslocamento para outros centros. A viagem era penosa e demorada, feita no lombo de animais, caminhões ou trens de ferro. Normalmente os quase 400 km que separavam a povoação da cidade de Montes Claros eram percorridos num espaço de mais ou menos três a quatro dias, quando não era época de chuvas. Se o período fosse chuvoso, o tempo praticamente dobrava, porque as estradas eram cheias de pedras, cascalhos e muitos garranchos. Os filhos homens do Coronel Neca ficavam internados no Instituto Norte Mineiro de Educação e as filhas, num colégio de freiras. Aos domingos, contudo, podiam se encontrar na matinê do Cine Fátima e depois no lanche de uma cantina onde se serviam de pastéis com banana e sucos. O caçula, Édson Borges de Carvalho, foi um dos seus filhos que teve oportunidade de estudar em Montes Claros, porém, sua formatura num curso superior, no caso farmácia, somente ocorreu no dia 9 de março de 1962, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, localizada em Niterói.

Na formação habitacional da povoação estiveram presentes outros irmãos de Manoel Borges de Carva-

lho. Aqui também deixaram suas raízes, Joaquim Borges de Carvalho, José Borges de Carvalho e Thomás Borges de Carvalho. Joaquim Borges, o Velho Quinca, casou-se com a viúva Benedita Lopes da Silva, que já tinha quatro filhos: Josino, Ambrozino, Sízínio e Teonília, nascendo do casal os filhos: João Borges de Carvalho, José Borges Sobrinho, Jerônimo Borges de Carvalho, Durval Borges de Carvalho, Maria Lopes da Silva, Jovina Lopes da Silva, Joventina Lopes da Silva e Rosa Lopes da Silva.

No trajeto dessa história, muitos fatos aconteceram de forma marcante e alguns avanços são perceptíveis na construção crescente da povoação, do distrito e depois do município, que procura se firmar, mesmo enfrentando as vicissitudes que contrariam o desejo do seu povo. Podemos ressaltar, por exemplo, que a pujança econômica marcada pelo período áureo do algodão foi gradativamente caindo, vítima das pragas, em especial o "bicudo", concorrendo dessa forma para que sua principal fonte de recursos, gerada pela terra, não mais permitisse a fixação do homem no campo. No lugar disso, iniciou-se a febre do "corte de cana", com movimentos migratórios, rumo a Minas e São Paulo.

Para ilustrar essa fase rica do algodão, era suficiente ver o comportamento dos produtores nas ocasiões festivas, relacionadas com os festejos juninos (Padroeiro) e Nossa Senhora Santana (julho), quando a colheita era comercializada e o dinheiro circulava fartamente. Nessas festas, barraquinhas eram armadas próximas a igreja e a praça da feira e as mesas colocadas ficavam cheias com os produtores, acompanhados de suas famílias e amigos, disputando a preço de ouro os produtos que eram leiloados em benefício da construção da Igreja Matriz. Por todo lado, circulavam pessoas da comunidade e os agricultores, portando enormes chapéus e botas, distribuíam sorrisos amplos de alegria!

Foi uma fase de grande abundância e de fatos marcantes para a povoação e depois para o distrito. Um episódio bastante interessante foi narrado por Ulisses Cotrim Lima e Wilson Rebouças de Lima, irmãos de Ananias Caetano Lima (já falecido), antigo morador do Distrito de Pindaí, juntamente com Dona Dadá, sua esposa (também falecida). Eles moravam na casa que hoje pertence a família do sr. Nô Feliz. No período de 1957 a 1962, Ulisses e Wilson vieram mo-

rar em Pindaí e participaram da construção da Igreja São João Batista, que foi um trabalho liderado pelo padre Celestino, juntamente com Ananias, Nô Feliz e outras pessoas da comunidade.

O encontro com esses senhores foi bem casual, mas na conversa que mantivemos, foi possível registrar alguns fragmentos de nossa história, ligados a construção da igreja, que participaram bem de perto, inclusive como trabalhadores, desde o início, até o final da obra, iniciada em 1959 e concluída, dois anos depois em 1961.

Segundo Ulisses Lima, era preciso arrecadar fundos que garantissem a construção da igreja. Dessa forma, houve participação grande dos fiéis, principalmente moradores da zona rural, que espontaneamente traziam nos carros de bois pedras, tijolos, areia e o que fosse necessário transportar. Houve inclusive uma carreata especial com carros de bois, oriundos das mais diversas partes do município, liderada pelo padre Celestino que no carro da frente, trazia uma imagem de São João Batista, seguido por todos os outros, carregados de pedras que foram utilizadas para se levantar o alicecer da igreja. A colocação dessas primeiras pedras na construção do templo foi feito de forma solene. Na ocasião, o padre Celestino convidou para madrinha da primeira pedra Danúsia Silva Barros de Carvalho, esposa do líder político Jerônimo Borges de Carvalho, que também recebeu de presente a imagem de São João Batista que fora conduzida na procissão.

Leilões também foram realizados e, segundo nosso relator, um em especial foi organizado pelo sr. Ananias, que de cara conseguiu a doação de 22 bois para serem leiloados. Na época, os leilões eram muito animados e todos procuravam colaborar para que saíssem com preços altos. No dia desse evento, estavam presentes, além do povo em geral, os grandes fazendeiros da época: Levino Mendes, Lindolfo Muniz, Jerônimo Borges, Juca Borges, Nenem Camargo, que também tinham contribuído com doações dos bois. No entanto, para surpresa de todos, o leilão mais caro da noite foi um copo com uma dose de pinga. Tudo isso porque surgiu uma brincadeira: ao sair da mesa de leilões o copo em referência recebeu um preço e iniciou-se a partir daí um jogo: Juca Borges dando um lance, disse que aquele valor era para Neném Camargo beber; Levino Men-

des deu outro preço, dizendo que era para Neném não ver nem o cheiro, porque quem beberia a dose seria Jerônimo Borges; Lindolfo Muniz apresentou novo lance, dizendo que era para nenhum dos dois beber, mas que a dose seria destinada a outra pessoa. E por aí, a brincadeira continuou e agitou todo mundo e a dose foi finalmente entregue e repartida entre todos. Mas o valor do arremate foi grande e superou o preço de um boi!

Segundo Wilson Lima, não existia também na época recursos materiais para fragmentar as pedras e transformá-las em brita. Esse trabalho era feito manualmente, usando martelos, com grande sacrifício para os trabalhadores! A construção do templo foi realizado sob a chefia do mestre Gabriel, homem simples do povo e muito inteligente que aprendeu a arte de ser pedreiro e executou tudo com a perfeição matemática de um engenheiro, sem nunca ter sentado num banco escolar ou trabalhado em qualquer outro local que não fosse Pindaí.

A planta da igreja ele desenhou num papelão, com as medidas das arcadas milimetricamente planejadas com o mesmo tamanho. Iniciou a obra e padre Celestino, pároco da época, achou que deveria ser mudada, pois o templo era quase quadrado e as colunas não permitiam que quem estivesse atrás participasse das celebrações. Junto a Jerônimo Borges, pediu ao mestre Gabriel que mudasse o projeto. Ele não aceitou a sugestão, pois estava com o trabalho adiantado e tivera muita dificuldade para chegar até aquele ponto. Por essa razão, disse que se fosse para mudar, preferia que procurassem outro mestre de obras para fazer a construção. Tudo continuou como estava.

Ainda falando no período áureo do "ouro branco", como é denominado o algodão, era tão forte a circulação dessa matéria prima que economicamente o Distrito de Pindaí tinha um destaque grande na região e mesmo fora dela! A usina de beneficiamento de algodão funcionava a todo vapor! Era constante a saída de caminhões carregados de fardos de algodão em plumas, já beneficiados, rumo a Minas Gerais, Rio de Janeiro e Salvador e daí, exportado até para os Estados Unidos! Houve na década de 1950 uma parceria entre José Borges Sobrinho (Juca Borges) proprietário da usina e os Irmãos Pereira, fortes empresários de Montes Claros, numa sociedade para fabrico de óleo de algodão. No caso a semente era levada para

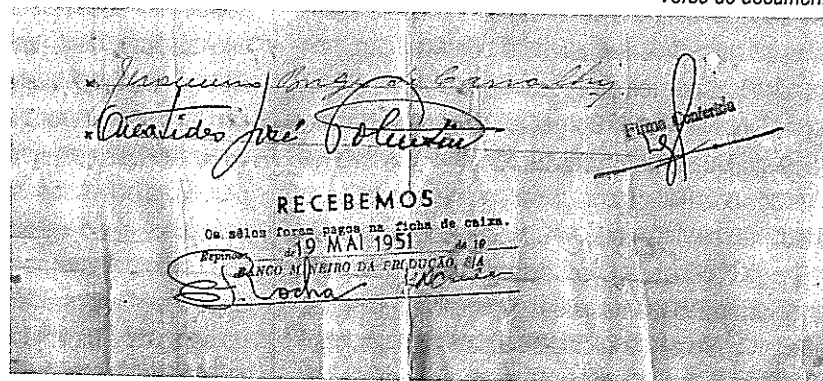
Minas Gerais para ser processado industrialmente, o que deu origem ao óleo apresentado ao mercado em latas de cor amarela, estampado a denominação Maysol. Até essa época, a soja não era ainda conhecida na região e não se conhecia sua industrialização para tal fim e o óleo de algodão era um produto que veio para concorrer com a banha de porco e o toucinho na alimentação. O óleo, no entanto, não emplacou bem, devido ao sabor e ao forte odor que deixava no ar ao ser esquentado e a semente passou a ter outras destinações, inclusive na elaboração de rações para animais.

Relembrando ainda fatos relacionados às festividades de nossa terra, nos retalhos dessa história contada por alguns de seus moradores, temos ainda uma narrativa de Stela Dalva de Carvalho, que falou sobre uma dança que era muito famosa nas "festanças da roça", chamada de "Dança da Imbigada" (era assim mesmo que falavam, referindo-se a umbigo). Na volta ao túnel do tempo, ela se recordou de fatos que eram narrados pelo seu pai, Manoel Borges. Um desses, muito engraçado, chamou especialmente sua atenção quando ele contou sobre a "dança do imbigo" que era realizada normalmente

O ano de 1951 marcou decisivamente um período de fortalecimento de crédito para o funcionamento da usina, quando numa atitude de grande ousadia seu proprietário (Juca Borges), foi ao Banco Mineiro da Produção S/A, localizado na cidade de Espinosa (Minas Gerais) e conseguiu um empréstimo de R\$100.000,00 (cem mil cruzeiros) para injetar recursos nos negócios, conforme mostra essa cópia de nota promissória que registra o empréstimo no ano de 1951, avalizado por Jerônimo Borges de Carvalho e Aristides José Tolentino (Montes Claros) e quitada no vencimento em 19 de maio de 1951.



Verso do documento



na zona rural. Nesse tipo de festa, a animação começava com toques de tambores, sanfona, triângulo, pandeiros e as damas ficavam recrutadas num quarto até a chegada dos cavalheiros. Tudo pronto, era anunciada a festa e o encontro entre homens e mulheres acontecia ao ritmo da música com uma forte "imbigada". Algumas mulheres caíam e as mais fortes continuavam na dança, no terreiro, preparado em latada. Thomás Borges de Carvalho, tio paterno de Stela Dalva, participou de uma dessas festas e apaixonou-se perdidamente pelo seu par, ao constatar que dançara com uma mulher forte que ao invés de cair, conseguiu derrubá-lo!

Quanto aos festejos de S. João, quando ainda existia apenas uma capelinha, no início do século XX, Stela Dalva lembrou-se de outras narrativas de seus pais que apresentavam São João da Gameleira com poucas casas, poucas famílias e o governante era Manoel Borges de Carvalho. Sua esposa, Clemência Guimarães Ribeiro de Carvalho liderava a movimentação dos festejos, reunindo em sua casa muitas pessoas, ao redor da fogueira acesa, no dia 23 de junho, véspera do dia do Padroeiro, São João Batista. Ali, eram servidos bolos, doces, assados de boi, porco e carneiro, vinho, café e outras bebidas. Uma sanfona, pé de bode, animava a dança no terreiro e ao final as pessoas firmavam ao redor do fogo, o pacto de se tornar compadres e comadres, na cerimônia denominada "saltar a fogueira".

Na capela de São João, situada no mesmo local que se edificou a Igreja Matriz, ocorria o novenário, que culminava com a levantada do mastro, leilões e a tradicional missa do dia 24 de junho, bastante movimentada, com casamentos e batizados. A cerimônia era liderada inicialmente por padre Liberato (filho de Vó Jeca) e depois pelo padre Rocha (irmão de dona Chiquinha). As rezadeiras eram representadas por Ana da Barra, Maria das Tomaza (é conhecida assim mesmo), Leovegilda, Lió de Reginaldo, todas já falecidas. Elas cantavam em latim a ladainha e no final homenageavam o Santo Padroeiro com um hino:

*"Sr. São João Batista, ele é filho de Isabel,
Ele é filho de Isabel e sobrinho de Maria,
Foi nascido em Belém, batizado no Jordão
"Deus como seu primo, pôs o nome nele João."*

Com o passar dos anos, a povoação foi crescendo e alguns costumes se modificando. Surgiram os festeiros, pessoas responsáveis pela bandeira e a tradição ganhando novos rumos. Hoje, a festa de S. João Batista é completamente diferente e dos velhos tempos resta uma enorme saudade do aconchego que existia...

Eulina da Conceição Carvalho, conhecida dona Menininha, moradora do Distrito de Guirapá, é o que se pode chamar de protótipo da animação, alto astral e juventude eterna! Está com mais de 90 anos, com a mente bem lúcida e falou sobre a Festa de São Sebastião, Padroeiro do Distrito de Guirapá e do Reisado das Ciganas, festa que acontece periodicamente no mês de janeiro, com a participação de um grupo de mulheres bonitas, bem enfeitadas e animadas!

A festa de S. Sebastião acontece no mês de janeiro, com nove dias de novena, culminando com a missa no dia 20, dedicado ao santo padroeiro. Segundo ela, essa festividade é muito antiga e se recorda desde criança da movimentação local no mês da sua realização, lembrando-se de um antigo morador, chamado Egídio, que organizava tudo. Com a falta desse senhor, surgiram outros festeiros, pessoas que recebiam a bandeira para organizar a festa, como a própria Eulina, festeira por cinco vezes, a família de Antero Alves, tradicional liderança em Guirapá, Francisco Teixeira Cotrim, também importante líder local e muitos outros moradores.

Segundo ela, no início tudo era preso apenas à parte religiosa, mas com o passar dos anos a tradição foi se modificando, sendo introduzidas inovações na festividade popular.

O Reisado das Ciganas teve seu início em 1937, através de Bésio e Dete, casal de Caetité que veio de mudança para Guirapá. Na ocasião, foi feito um convite a dona Eulina para formar um grupo de mulheres que aprenderia a cantar o reis. Uniram-se nesse projeto Dete, Eulina, Zelita, Maria de Roseno, Santa, Raimunda, Sirília e Preta, filhas de Manoel Ramos. No início tomavam roupas e adereços emprestados, enfeitavam com papel colorido e saíam cantando em Guirapá e na zona rural. No dia da festa, faziam um desfile montadas em cavalos pelas ruas.

Dona Menininha contou também que inicialmente usava o dinheiro que ganhava como professora lei-

ga para fazer a folia. Ela foi mestra de muita gente, trabalhando desde a época em que São João da Gameleira era distrito de Urandi, governado pelo líder político Joaquim Ribeiro. Depois passaram a recolher alguma coisa lendo a mão das pessoas, seguindo a moda cigana ou recebendo donativos das famílias que visitavam.

Atualmente a festa cigana não está sendo feita muito frequentemente, mas já tem um grupo jovem que participa, dando continuidade a tradição das mães. No ano de 2005, uma equipe da TV Sudoeste esteve em Pindaí, gravando uma apresentação para programa veiculado pela emissora.

Outras informações sobre reisado foram prestadas por Dino Brito, como popularmente é conhecido Deraldino Francisco de Brito, 65 anos, artista popular, repentista, voz bonita, cantor sertanejo, porte alto, morador de Guirapá. Conforme ele disse, durante anos e anos nos acostumamos a receber o reisado em nossas casas no período de Natal e início de ano novo que representa para muitos a oportunidade de homenagear o Menino Jesus com a Folia de Reis. Na ocasião, é comum o retumbar dos tambores, o som gostoso das gaitas e a melodia entoada por grupos de homens que saem em visita a famílias, entoando cantos que falam do nascimento de Jesus Cristo, conduzindo bandeiras enfeitadas, trajando roupas coloridas

e levando alegria por onde andam. É uma festa bonita e que nos trás na lembrança o tempo de criança, quando isso ocorria de forma mais frequente.

Grande conhecedor do tema, Dino Brito narrou sua experiência como bom rezador nas festividades organizadas em Guirapá e localidades vizinhas, dizendo que a iniciativa dessa festa partiu há mais de 70 anos de um pessoal da fazenda Grama, representado pelos Curigenses, como Valdemar Cambuim e Juraci Alves dos Santos, os mais antigos e já falecidos. Dino começou a fazer reisado há mais ou menos 30 anos e durante todo esse tempo, prepara a folia com muita animação.

Temos muito ainda o que contar. É importante manter viva a lembrança desses fatos que vão ocorrendo e se misturando no percurso de nossa vida, pois é responsabilidade de todos nós a perpetuação da cultura do nosso povo, para que a geração futura conheça suas raízes e valorize a construção do conhecimento popular. Muitos contribuíram para a formação populacional de Pindaí e Guirapá e constituem importantes raízes que deram origens para a formação de Vila Bela das Umburanas e São João da Gameleira, até chegarmos ao estágio atual.

As biografias que apresentamos a seguir são de algumas pessoas que estiveram presentes na construção e formação populacional de Pindaí.



Cavalcada realizada no ano de 2006 em Pindaí



Reisado das Ciganas de Guirapá homenageia a embaixadora Denise Almas em Pindaí